



**PPGL**  
Programa de Pós-Graduação  
em Letras

Patricia dos Santos Müller

***ARBEIT MACHT FREI (IN ERINNERUNG AN):***  
**A LITERATURA DE TESTEMUNHO E A CONSTRUÇÃO**  
**DA MEMÓRIA DO HOLOCAUSTO**

Passo Fundo

2021

Patricia dos Santos Müller

***ARBEIT MACHT FREI (IN ERINNERUNG AN):***  
**A LITERATURA DE TESTEMUNHO E A CONSTRUÇÃO**  
**DA MEMÓRIA DO HOLOCAUSTO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo, na linha de pesquisa Produção e Recepção do Texto Literário, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras, sob a orientação da Profa. Dra. Ivânia Campigotto Aquino.

Passo Fundo

2021

CIP – Catalogação na Publicação

---

M958a Müller, Patricia dos Santos  
*Arbeit Macht Frei (in Erinnerung an)* : a literatura de  
testemunho e a construção da memória do holocausto /  
Patricia dos Santos Müller. – 2021.  
83 f. : il. color ; 30 cm.

Orientadora: Profa. Dra. Ivânia Campigotto Aquino.  
Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de  
Passo Fundo, 2021.

1. Literatura e história. 2. Holocausto judeu (1939-  
1945) na literatura. 3. Memória coletiva. I. Aquino, Ivânia  
Campigotto, orientadora. II. Título.

CDU: 801.73

---

Catalogação: Bibliotecário Luís Diego Dias de S. da Silva – CRB 10/2241



**PPGL**  
Programa de Pós-Graduação  
em Letras

## ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO Nº 291

Aos vinte dias do mês de dezembro de dois mil e vinte e um, no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, reuniu-se a Banca Examinadora, constituída pelos professores Rosane Márcia Neumann (FURG/PUCRS), Luis Francisco Fianco Dias (UPF) e Ivânia Campigotto Aquino (orientadora - UPF), sob a presidência desta, para arguir, como requisito parcial e último, a dissertação ***Arbeit macht frei (in erinnerung an): a literatura de testemunho e a construção da memória do Holocausto***, defendida por Patricia dos Santos Müller. Após a apresentação da dissertação, a arguição dos membros da Banca e a defesa do trabalho por parte da mestranda, a Banca Examinadora considerou a aluna **aprovada**. Atribuindo um destaque ao trabalho, a Banca recomenda a publicação do texto em forma de livro e de artigos. Nada mais havendo a constar, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pelos membros da Banca Examinadora e pela Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras.

Passo Fundo, 20 de dezembro de 2021.

DocuSigned by:

Profa. Dra. Ivânia Campigotto Aquino  
Presidente da Banca Examinadora  
Orientadora

Profa. Dra. Rosane Márcia Neumann  
Universidade Federal do Rio Grande

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Claudia Stumpf Toldo Oudeste  
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras

Prof. Dr. Luis Francisco Fianco Dias  
Universidade de Passo Fundo

## RESUMO

Ao abordar o tema *Literatura de Testemunho e Holocausto*, o trabalho busca enfatizar a memória pessoal e histórica do genocídio planejado e executado por alemães nazistas contra judeus, e demais grupos considerados inferiores, ocorrido entre os anos de 1942 e 1945. Durante esse período, conhecido como Segunda Guerra Mundial, as forças nazistas perpetraram o genocídio judaico europeu. Desde então, os meios de comunicação e o mercado editorial abordam o acontecimento, entre notícias, reportagens, artigos e entrevistas, utilizando o termo *Holocausto* para descrever esse fato histórico. Para mais, bases teóricas historiográficas dão ênfase na construção das condições para o entendimento da organização alemã em sua ideologia e execução da chamada “Solução Final”. Como objetivo, a pesquisa busca identificar e validar as características da *Literatura de Testemunho*, por meio da análise de aspectos da memória e da história presentes na narrativa dos romances *Irmãs em Auschwitz*, de Rena Kornreich Gelissen e Heather Dune Macadam (2015), e *Os fornos de Hitler*, de Olga Lengyel (2018). Através da *Literatura de Testemunho* (gênero constituído por uma narrativa de caráter pessoal), trabalhada pelo método indutivo bibliográfico, fontes como as obras memorialísticas literárias descrevem o período vivido por Rena Kornreich, Danka Kornreich, Olga Lengyel e outras tantas mulheres judias como prisioneiras do campo de concentração e extermínio Auschwitz-Birkenau, situado no interior da Polônia. Para tanto, é preciso considerar que, no âmbito dos estudos literários, a expressão *Literatura de Testemunho* produz narrativas oriundas de relatos de vítimas de acontecimentos traumáticos de larga escala, como uma forma de recriar, através da memória, o espaço físico e os acontecimentos nele vivenciados, baseado em experiências de sujeitos, apresentando relatos testemunhais, dando voz aos sobreviventes. Os romances em análise possuem, como foco, a narrativa de acontecimentos traumáticos, determinados por reverberações políticas, históricas e sociais. Nesse sentido, a análise dos testemunhos nas obras desperta o leitor para uma consciência condutora de uma ação social contrária ao antissemitismo, nascida do entendimento do que foi a Segunda Guerra Mundial. Além disso, a lembrança e o testemunho produzem a obra literária do acontecimento que faz parte da História, mesmo que com o passar dos anos e com a morte dos sobreviventes da Shoah (termo utilizado pelos judeus para definir *Holocausto*) as últimas vozes percam força diante de uma retórica antissemita. Em suma, a memória possibilita a reflexão para que tais fatos não tornem a ser repetidos pela humanidade.

**Palavras-chave:** Literatura de Testemunho Holocausto. Memória. História. Testemunho.

## ABSTRACT

By addressing the theme *Literature of Testimony and the Holocaust*, the work seeks to emphasize the personal and historical memory of the genocide planned and carried out by Nazi Germans against Jews, and other groups considered inferior, which occurred between 1942 and 1945. During this period, known like World War II, Nazi forces perpetrated the European Jewish genocide. Since then, the media and the editorial market have addressed the event, including news, reports, articles and interviews, using the term *Holocaust* to describe this historical fact. Furthermore, historiographical theoretical bases emphasize the construction of conditions for the understanding of the German organization in its ideology and implementation of the so-called “Final Solution”. As an objective, the research seeks to identify and validate the characteristics of the *Literature of Testimony*, through the analysis of aspects of memory and history present in the narrative of the novels *Sisters in Auschwitz*, by Rena Kornreich Gelissen and Heather Dune Macadam (2015), and *Os Hitler's ovens*, by Olga Lengyel (2018). Through the *Literature of Testimony* (a genre consisting of a narrative of a personal character), worked by the bibliographical inductive method, sources such as literary memoirs describe the period lived by Rena Kornreich, Danka Kornreich, Olga Lengyel and many other Jewish women as prisoners of the countryside of concentration and extermination Auschwitz-Birkenau, located in the interior of Poland. Therefore, it is necessary to consider that, in the scope of literary studies, the expression *Literature of Testimony* produces narratives derived from reports of victims of large-scale traumatic events, as a way of recreating, through memory, the physical space and the events in it. lived, based on the experiences of subjects, presenting testimonial reports, giving voice to the survivors. The novels under analysis focus on the narrative of traumatic events, determined by political, historical and social reverberations. In this sense, the analysis of the testimonies in the works awakens the reader to an awareness that leads to a social action contrary to anti-Semitism, born from the understanding of what the Second World War was like. In addition, memory and testimony produce the literary work of the event that is part of History, even if over the years and with the death of the survivors of the Shoah (a term used by the Jews to define the *Holocaust*) the last voices lose strength in the face of anti-Semitic rhetoric. In short, memory enables reflection so that such facts do not come back to be repeated by humanity.

**Keywords:** Testimonial Literature Holocaust. Memory. History. A testimony.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa do <i>Holocausto</i> na Europa entre 1939 e 1945.....	19
Figura 2 - Principais campos nazistas na Grande Alemanha, 1944.....	22
Figura 3 - Prisioneiras entrando no campo feminino, já com uniformes de prisioneiras sob os olhares dos guardas da SS .....	33
Figura 4 - Militares norte-americanos observando a pilha de corpos amontoados em um vagão no campo de concentração de Buchenwald.....	47
Figura 5 - Rena e Danka .....	59
Figura 6 - Olga.....	61
Figura 7 - Prisioneiras do campo feminino .....	72

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Campos de concentração.....	20
Quadro 2 - Divisão de Auschwitz-Birkenau.....	23



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>1 O TRAUMA NAS ENTRELINHAS DA HISTÓRIA: PERCURSO HISTÓRICO DO HOLOCAUSTO .....</b>	<b>15</b>
1.1 Da construção do Império Nazista aos campos de concentração e extermínio.....	17
1.2 Höss, Grese, Mengele.....	28
1.3 O campo feminino em Auschwitz-Birkenau .....	31
1.4 A marcha da morte e o fim da Segunda Guerra.....	36
<b>2 ONDE HÁ FUMAÇA, HÁ FOGO!.....</b>	<b>38</b>
2.1 Literatura de Testemunho como gênero de memória .....	39
2.2 Como narrar o indizível? Na posição de testemunha no momento do relato .....	46
2.3 A culpa que transcende .....	49
2.4 A escrita feminina compõe o <i>corpus</i> .....	52
<b>3 IN ERINNERUNG AN (EM MEMÓRIA DE) .....</b>	<b>55</b>
3.1 Rena, Danka e Olga: início do percurso histórico (primeiras impressões).....	57
3.2 Mulheres em Auschwitz: da construção do complexo ao genocídio em larga escala .	62
3.3 A luta pela sobrevivência e o sentimento de culpa .....	69
3.4 Depois de Auschwitz: a memória produz o testemunho .....	73
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>76</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>80</b>
<b>CRÉDITOS DAS IMAGENS .....</b>	<b>82</b>

## INTRODUÇÃO

Do centro do extermínio industrial que transformou o *Holocausto* em um crime sem comparação na História, oitenta por cento dos deportados foram eliminados de forma imediata, nas câmaras de gás, e dali levados para os crematórios. Essa experiência está na memória, nas palavras e nos relatos dos sobreviventes. Testemunhar é um privilégio de quem sobreviveu. As vozes literárias das testemunhas da Shoah permitem entrever, reviver e tentar entender uma experiência que não há como transmitir, mesmo depois de passados 76 anos da libertação dos campos de concentração e extermínio nazistas alemães. À medida que os anos avançam e as testemunhas vão desaparecendo, suas palavras ganham maior importância.

Ao abordar o **tema** *Literatura de Testemunho e Holocausto*, o trabalho busca enfatizar a memória pessoal e histórica do genocídio planejado e executado por alemães nazistas contra judeus e outros grupos de pessoas também considerados como raça inferior (comunistas, ciganos, homossexuais, negros), ocorrido entre os anos de 1942 e 1945. A transmissão dos acontecimentos vividos pelos prisioneiros nos campos de concentração e extermínio vem sendo, há anos, um assunto visto como de grande importância no meio acadêmico, pois corrobora estudos sobre a construção da memória e do testemunho de sobreviventes do *Holocausto*, que, apesar da humilhação e do tormento da rememoração, relatam suas experiências.

A partir da análise do **estado da arte** da *Literatura de Testemunho e Holocausto*, pode-se dizer que os trabalhos disponíveis para estudo e leitura sobre o tema são encontrados em livros, revistas, dissertações e teses, de diversas áreas de estudos, por exemplo, História, Literatura, Jornalismo e Psicologia. Ademais, o tema apresenta-se em diversos formatos: artigo, entrevistas, obras literárias e imagens, formando um vasto acervo para pesquisas sobre o *Holocausto*. Diante desse repertório, convém dizer que houve a tentativa, por parte dos nazistas e apoiadores do governo, no pós-guerra, de apagar a memória dos acontecimentos e dar voz ao negacionismo, diminuindo as vítimas ao mencionar que tal acontecimento, se narrado, soaria como irreal. Eduardo Garcia Valle (2011), em artigo intitulado História, Memória e Literatura de Testemunho: uma análise do Holocausto na obra de Primo Levi, menciona que as inquietações de Levi se baseavam na possibilidade de narrar a sua experiência, não ser ouvido e ser desacreditado. Letícia Rossignoli, em *Vítimas judias e o Holocausto: um trabalho da memória* (2013), afirma que as narrativas jornalísticas mostram um esquecimento em relação às vítimas judias e da situação dos sobreviventes. Alba Olmi (2015, p. 52-53), após sua análise sobre o *Holocausto*, conclui:

Quando a última testemunha do extermínio terá desaparecido, quando aquela lembrança não será mais confiada à voz viva dos protagonistas, teremos aprendido a lição e seremos capazes de nos defendermos dos desvios da memória? O risco de esquecer é tão grande que precisaríamos de um aniversário de Auschwitz todos os dias. Até quando o dia 27 de janeiro ainda será capaz de trazer testemunhas vivas da grande tragédia? Muito em breve só a *literatura do lager*, a memória que se fez literatura, muito mais que comemorações e flores, e discursos e lágrimas, e visitas comovidas aos campos de extermínio, será capaz de manter viva a memória pessoal e coletiva de uma história que precisa ser discutida, analisada e divulgada. [...] O neonazismo e o anti-semitismo, o negacionismo e o extremismo político representam ameaças que não podem ser ignoradas, elas estão entre nós, inclusive em nosso próprio país.

Passados mais de 70 anos, a execução sistemática de milhões de judeus, engendrada e implementada pelos apoiadores do Terceiro Reich, segue sendo objeto de estudo. A cada nova publicação, relatos se repetem e, ao mesmo tempo, novos aspectos são abordados, a exemplo da descoberta do primeiro comboio a chegar em Auschwitz, com mulheres ao invés de homens, no dia 26 de março de 1942, dado descoberto por Heather Dune Macadam (2020, p. 11) com base na pesquisa em listas guardadas no *Yad Vashem* (Memorial Oficial de Israel para lembrar as vítimas judaicas do *Holocausto*).

Quanto à *Literatura de Testemunho*, Marcia Romero Marçal (2014, p. 462), em *O testemunho literário e La escritura o la vida na literatura: a história da precariedade da forma*, diz que esse modo de escrita nasce de uma série de acontecimentos históricos que engendram esse sentimento de mundo: “As duas grandes guerras mundiais, as revoluções comunistas de massas, a bomba atômica, o existencialismo, a divisão do mundo em blocos, os totalitarismos e autoritarismos, a luta de classes, a ruptura do racionalismo com as inovações estéticas do futurismo” são alguns exemplos que resultaram em uma forma de romance que nos comunica a “complexidade e a desordem enigmática da consciência das personagens e de seu meio”. E Marçal (2014, p. 462) vai além ao afirmar que “a incongruência, a linguagem elíptica, a incompletude do cenário, a desconexão da ação, a forma labiríntica e sugestiva, o inacabado e a imperfeição, o inacabado e a imperfeição, conjugados na obra aberta, perfilam o romance do século XX, como o romance da ‘crise’”.

Além desses aspectos, pode-se dizer que obras de cunho testemunhal/memorialístico de relatos de quem sobreviveu ao *Holocausto* são emblemáticas e dolorosas. As agressões descritas como covardes e cruéis, reproduzidas em atos inimagináveis, tornaram-se obstáculos à compreensão dos acontecimentos, uma vez que, após a libertação, a maioria dos sobreviventes optou por não contar para não reviver tamanho sofrimento, bem como pelo medo do descrédito e pelo desamparo das autoridades. Aliás, essas últimas preferiam que os

atos cometidos pelos nazistas contra os judeus e outros grupos étnicos permanecessem desconhecidos e/ou fossem esquecidos. A respeito das obras de cunho testemunhal, Seligmann (2003, p. 48) diz que “pensar sobre a literatura de testemunho implica repensar a nossa visão da História - do fato histórico”. Na medida em que na *Literatura de Testemunho* escrita a partir de Auschwitz a questão do trauma assume uma dimensão e uma intensidade inauditas, o escritor do trauma conduz a sua ferida para o texto, e encontra no leitor uma maneira de ser ouvido, pois “a linguagem é antes de mais nada o traço - substituto e nunca perfeito e satisfatório - de uma falta, de uma ausência” (SELIGMANN, 2003, p. 48).

O ato de testemunhar, por meio de uma narrativa, possui valor documental, sendo, portanto, a um só tempo, uma construção literária e historiográfica. Os escritos autobiográficos refazem a história das deportações e dos campos de concentração da Alemanha nazista, mostrando como os sobreviventes abordam os episódios vividos naquela época. À História cabe, portanto, recuperar as memórias, os fragmentos individuais e demais rastros do nazismo e, por meio da construção narrativa, tornar as informações compreensíveis, superando, assim, a barreira do intangível. Dessa forma, o relato de historiadores constrói as condições para o entendimento da organização alemã em sua ideologia, potência, atuação em esferas da vida social e psicológica, descreve de que forma essa ideologia emergiu na Europa e como se apossou do Estado, organizando-o em um plano sistemático de destruição de todo um povo.

A pesquisa, quanto aos procedimentos, enquadra-se no perfil metodológico indutivo bibliográfico, com base no método Análise de Conteúdo de Laurence Bardin (2011). A categoria concentra-se na análise de dados, elaborada a partir de material já publicado, como livros, artigos e periódicos. A Análise de Conteúdo é uma técnica utilizada para pesquisa qualitativa, trata-se de uma sequência de tarefas, de instrumentos metodológicos, que analisam dados científicos. Esse método passa por três fases: a pré-análise, primeira fase, corresponde à coleta de dados, leitura e constituição do *corpus*, na qual se verifica a disponibilidade de materiais e se avalia a possibilidade de uso, bem como se comprova se o acervo reunido faz sentido e dá propósito ao objeto pesquisado. A segunda fase é a de exploração e codificação das unidades de registro, quando as obras que serão utilizadas são categorizadas por critérios do tipo semântico, sintático, léxico e expressivo. E pelo contexto, como é o caso do tema, do objeto, da personagem ou, ainda, do acontecimento. E a fase três refere-se à interpretação dos resultados por meio da inferência, uma interpretação mais controlada sobre a mensagem e o canal e entre emissor e receptor.

Descrever a história da ‘análise de conteúdo’, é essencialmente referenciar as diligências que nos Estados Unidos marcaram o desenvolvimento de um instrumento de análise das comunicações; é seguir passo a passo, o crescimento quantitativo e a diversificação qualitativa dos estudos empíricos apoiados na utilização de uma das técnicas classificadas sob a designação genérica de análise de conteúdo: é observar *a posteriori* os aperfeiçoamentos materiais e as aplicações abusivas de uma prática que funciona há mais de meio século. Mas também é pôr em questão as suas condições de aparecimento e de extensão em diversos sectores das ciências humanas, e tentar clarificar as relações que a análise de conteúdo mantém ou não com disciplinas vizinhas pelo seu objeto ou pelos seus métodos (BARDIN, 2011, p. 13).

A Análise de Conteúdo é uma metodologia de pesquisa para as Ciências Sociais, usada para descrever e interpretar conteúdos em comunicação e textos para análise quantitativa. Numericamente, analisa a frequência de ocorrência de determinados termos, construções e referências em um dado texto. A organização dos dados vai indicar o que há de relevante para resolver o problema de pesquisa dentro desse material coletado. Em seguida, a unidade de registro responde o que será analisado, já a unidade de contexto indica onde está a frase ou palavra que será trabalhada. Enquanto a categorização determina o que está por trás da linguagem, do que está sendo comunicado, do entendimento entre execução e recepção, das variáveis entre significante e significado, que podem ser de ordem psicológica, sociológica, política ou histórica.

Laurence Bardin (2011) demonstra que o método Análise de Conteúdo pode ser utilizado por diversas áreas:

Sou investigador sociólogo e o meu trabalho visa determinar a influência cultural das comunicações de massa na nossa sociedade. Sou psicoterapeuta e gostaria de compreender o que as palavras dos meus [clientes] - os seus balbucios, silêncios, repetições ou lapsos - são susceptíveis de revelar no seu curso para uma superação das suas angústias ou obsessões. Sou historiador e desejaria estabelecer, baseando-me nas cartas enviadas à família antes da catástrofe, a razão pela qual determinado batalhão se deixou massacrar, quando da Primeira Guerra Mundial. Sou psicólogo e gostaria de analisar as entrevistas que efetuei com as crianças de uma turma para avaliar o seu grau de adaptação. Estudo literatura, e ao debruçar-me sobre a obra de Baudelaire, tento delinear, através das Fleures du Mal, de poemas em prosa e notas íntimas encontradas, a estrutura temática do seu imaginário. Sou político e candidato desditoso, confio a um grupo de estudos a tarefa de desmontar a mecânica da propaganda do meu rival, de maneira a que no futuro possa daí tirar partido. Sou publicista, e desejando uma melhor adequação de determinada campanha ao seu fim, peço a um gabinete de estudos que realize uma análise comparativa de temas associados ao produto por altura das entrevistas de opinião e de temas utilizados na campanha atual (BARDIN, 2011, p. 27-28).

É pelo método de Bardin (2011) que o estudo das obras literárias que trazem memórias do *Holocausto* se estrutura, tendo como abordagem do problema a forma qualitativa, por considerar que existe uma relação entre o mundo e o sujeito além daquela traduzida em números.

Como **objetivo geral**, a pesquisa busca identificar e validar as características da *Literatura de Testemunho*, através da análise de aspectos da memória e da história presentes na construção da narrativa dos romances *Irmãs em Auschwitz*, de Rena Kornreich Gelissen e Heather Dune Macadam (2015), e *Os fornos de Hitler*, de Olga Lengyel (2018). A partir dessas obras, que constituem o **corpus** da pesquisa, o estudo pretende mostrar que a palavra fala tanto pelo que diz explicitamente quanto pelo que deixa implícito, estimulando, assim, um encontro mais afetivo com o vivido, rememorando os mortos e a presença do sofrimento dos vivos. As obras consistem em um relato linear, pois tratam de fatos históricos e não imaginários.

Aproximando-se das narrativas, o leitor participa de uma experiência *in loco*, a partir da riqueza de detalhes das situações vividas em Auschwitz, local descrito pelas sobreviventes como o Inferno na Terra. Ainda hoje, é possível visitar e observar a fábrica de morte lá estabelecida: Auschwitz-Birkenau recebeu a tarefa de exterminar; foi uma estrutura erguida apenas para reduzir o outro a nada, com o objetivo de destruir. Mesmo depois de décadas do fim do *Holocausto*, os campos de extermínio se instituíram como marcos da memória do genocídio, cuja existência se baseou na escravidão e na morte, de forma organizada e justificada. O contraponto está na *Literatura de Testemunho*, nas narrativas dos que decidiram transplantar a dor das experiências, ainda incompreensíveis, mas cujas memórias insistem em permanecer como legado do horror vivido na era das catástrofes.

Sob essa concepção, **justifica-se** a pertinência do tema proposto. Em relação às obras analisadas, o testemunho é de mulheres que estiveram nos campos de concentração e extermínio e, mesmo diante de tantas adversidades, sobreviveram. A *Literatura de Testemunho* escrita por mulheres oportuniza o relato acerca do *Holocausto* sob a perspectiva feminina. Um olhar da diferença entre História e Literatura, através da voz narrativa feminina e testemunhal, traz à cena a possibilidade de uma escrita da História e, conseqüentemente, da Literatura voltada à inserção de um sujeito enquanto mulher e testemunha nesse espaço de eventos históricos que dialogam através da memória e do testemunho.

Com base nos **objetivos específicos**, que norteiam o desenvolvimento da pesquisa, os capítulos 1, 2 e 3 dão forma ao corpo da dissertação. No capítulo 1, *O trauma nas entrelinhas da história: percurso histórico do Holocausto*, o objetivo específico propõe descrever, através de fundamentação teórica, o *Holocausto* vivido por mulheres nos anos de 1942 a 1945, com base histórica, teórica e documental em estudos que se encontram na obra *O Holocausto: uma nova história*, de Laurence Rees (2018). Essa obra é estruturada de forma linear ao tempo do *Holocausto*, incluindo datas, mapas e personagens. Também, a base literária do primeiro

capítulo se quantifica na obra *As 999 Primeiras Mulheres de Auschwitz*, de Heather Dune Macadam (2020), e em obras literárias de Primo Levi (1988, 2016), Eddy de Wind (2019) e Ruth Klüger (2005), corroborando alguns apontamentos advindos da obra *História, Memória, Literatura*, de Márcio Seligmann (2003), que trabalha o testemunho na era das catástrofes, analisando a memória, a história, o silêncio das vítimas e o esquecimento.

No capítulo 2, intitulado *Onde há fumaça, há fogo!*, compreende-se, teoricamente, as características da *Literatura de Testemunho* e sua formação na historiografia literária. Nesse sentido, a *Literatura de Testemunho* figura como um subgênero entre as formas literárias, e a construção da memória do *Holocausto* enquanto testemunho. Em busca dessas verificações, as bases teóricas utilizadas são: *História, Memória, Literatura*, de Márcio Seligmann (2003), composta por capítulos que tratam do tema testemunho na literatura; e *A memória, a história, o esquecimento*, de Paul Ricoeur (2014), referência nos estudos da memória.

No capítulo 3, *In Erinnerung na (em memória de)*, a reflexão sobre o percurso narrativo das personagens e os sentidos criados pelos seus discursos na *Literatura de Testemunho* constitui a base da pesquisa do relato de sobreviventes do *Holocausto* praticado num campo de concentração, mais especificamente no campo de Auschwitz-Birkenau, na Polônia. As obras *Irmãs em Auschwitz*, de Rena Kornreich Gelissen e Heather Dune Macadam (2015), e *Os fornos de Hitler*, de Olga Lengyel (2018) são analisadas em ordem cronológica e encaixadas de acordo com os acontecimentos da vida das personagens Rena, Danka e Olga, no intuito de explicar como História, Memória e Literatura se inter-relacionam, se complementam e se comprovam.

## **1 O TRAUMA NAS ENTRELINHAS DA HISTÓRIA: PERCURSO HISTÓRICO DO HOLOCAUSTO**

A década de 1940 foi um período marcado por grandes acontecimentos. Algumas áreas como cultura, esportes e música marcaram época pelas conquistas, por exemplo, em 1940, as canções que faziam parte do repertório das rádios eram de cantores como Frank Sinatra e Louis Armstrong; em 1943, estreou nos cinemas o filme Casablanca, e Carmem Miranda brilhava nas telonas norte-americanas com o filme Entre a loura e a morena; e no ano de 1948, realizaram-se os Jogos Olímpicos de Londres. No entanto, nesse mesmo período, a História registrou o assassinato em massa de judeus, conhecido anos depois como “Solução Final”. O plano nazista para exterminar o povo judeu, sob o comando de Adolf Hitler, tornou real o genocídio que executou mais de 6 milhões de judeus na Europa. Para Hobsbawm (1995), o mundo que sobreviveu ao fim da Revolução de Outubro é o mesmo que teve instituições e crenças moldadas por aqueles que pertenciam ao lado vencedor da Segunda Guerra Mundial.

Em 1939, as tropas alemãs invadiram a Polônia, fazendo com que Inglaterra e França declarassem guerra contra a Alemanha. Iniciava-se, assim, a Segunda Guerra Mundial. Os países que lutaram durante esse período fizeram parte dos Aliados ou do Eixo. Os Aliados eram Estados Unidos, Inglaterra, França e União Soviética, já o Eixo era formado pela Alemanha, Itália e Japão.

Esse período histórico é dividido em duas fases. A primeira corresponde aos anos de 1939 a 1942, momento em que as tropas do Eixo avançavam rapidamente pela Europa. Em 1940, as tropas nazistas ocupavam grande parte da França e aviões alemães atacavam a Inglaterra. Nesse mesmo ano, Winston Churchill foi eleito primeiro-ministro e iniciou a reação inglesa contra o ataque inimigo. Essa fase encerrou em 1941, quando a União Soviética derrotou as tropas nazistas. Também em 1941, os Estados Unidos sofreram ataques de kamikazes japoneses na base aérea de Pearl Harbor, no Oceano Pacífico, fazendo com que os norte-americanos entrassem na guerra.

Inicia-se, então, a segunda fase. De 1943 a 1945, com a entrada dos Estados Unidos e da União Soviética no confronto, ingleses e franceses contaram com ajuda importante para responder aos ataques nazifascistas. No contra-ataque, as Forças Aliadas reverteram o avanço do Eixo. Do lado Oriental, as tropas soviéticas, e do lado Ocidental, as tropas americanas, inglesas e francesas. Na Europa, o Eixo perdeu espaço e foi encurralado pelos Aliados, sendo Benito Mussolini o primeiro líder a ser derrotado. O desembarque dos Aliados na Normandia



(norte da França) foi decisivo para encaminhar o Eixo à derrota. A Itália foi o primeiro país do Eixo a render-se, em 1943. Dois anos depois, ocorreu a derrota nazista.

Quanto ao líder nazista do Terceiro Reich – Hitler<sup>1</sup> – não há consenso entre os historiadores ao que de fato aconteceu no pós-guerra. Dentre as inúmeras teorias, as mais encontradas em obras que tratam desse tema são: Adolf estava escondido em um *bunker*, em Berlim, e ao perceber a vitória dos Aliados, suicida-se; outra afirma que ele conseguiu fugir, foi para outro país e viveu até a velhice. A falta de algo que comprove a morte do líder nazista, uma foto ou vídeo dos restos mortais de Adolf Hitler, alimentou (e ainda alimenta) lendas e teorias da conspiração. Fato é que os alemães sucumbiram aos Aliados.

Ambientado o momento histórico, este estudo inicia a abordagem do *Holocausto* através do testemunho, proporcionando uma visão particular dos acontecimentos retidos pela memória. Afinal, através do relato é possível presenciar os acontecimentos. Assim, é preciso voltar à história emudecida, pois mesmo aquilo que é negado não desaparece. No trecho que segue, Rees (2018, p. 313-314) expõe a visão particular de Linda Breder sobre os acontecimentos:

Enquanto estava sob a custódia da Guarda Hlinka, Linda Breder aferrou-se à crença de que ia ser enviada para a Alemanha para trabalhar. Mas, em 26 de março, ao ser levada à estação para embarcar num trem, viu apenas ‘vagões de gado’. ‘Onde está o trem normal?’, perguntou. ‘Começamos a sentir que alguma coisa estava errada. No vagão de gado, quando você entrava havia dois baldes. Um cheio de água e outro vazio, para usar como penico.’ Pouco depois, ela percebeu: ‘Não estamos indo para a Alemanha, estamos indo para a Polônia’. Linda Breder fazia parte da primeira leva da Eslováquia para Auschwitz no final de março. Eram também as primeiras mulheres prisioneiras a entrar no campo.

Linda Breder relata a impressão do que acreditava ser uma viagem a trabalho: sem destino certo, com algumas dúvidas, mas com uma provável data de retorno. Contudo, Linda, sem saber, fez parte de uma sucessão de acordos entre a Alemanha nazista e seus aliados para exterminar judeus, através de um plano elaborado de forma ordenada, revestido como oportunidade de civis prestarem trabalho ao governo alemão. Cumpre destacar que, num primeiro momento, os comboios foram formados por meninas entre 16 e 25 anos de idade, solteiras e saudáveis, que pudessem servir como força de trabalho na construção do Império Nazista.

---

<sup>1</sup> Para o historiador Martin Gilbert (2014), por exemplo, Hitler suicidou-se com um disparo de arma de fogo disferido dentro da própria boca.

## **1.1 Da construção do Império Nazista aos campos de concentração e extermínio**

O Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães foi fundado em 5 de janeiro de 1919. Em 1920, Hitler assumiu o controle da organização e a rebatizou como Partido Nazista, conhecido também como Hitlerismo. O nazismo possuía como características o desprezo pela democracia liberal e pelo sistema parlamentar, também incorporava o racismo científico, o antissemitismo, o anticomunismo e o uso de eugenia no seu credo.

Baseado na miséria e no fracasso da Alemanha durante a Primeira Guerra Mundial e tendo a oratória como estratégia de convencimento, Hitler trabalhou seu ideal em grandes discursos voltados ao povo alemão. A sensação de desamparo por parte do governo lhe assegurava cada vez mais adeptos, desesperados por mudanças. Em grandes explanações, dava garantias aos cidadãos alemães de que o Partido Nazista tiraria a Alemanha da crise causada pela Grande Depressão, uma vez que classificava a coalizão do Governo Parlamentar como fraca e incapaz de reverter o caos econômico que o Estado vivia naquele momento. Ainda, entre outras promessas, estavam: reverter o Tratado de Versalhes (acordo de paz entre britânicos, franceses e alemães), oneroso ao Estado Alemão, e restaurar os valores culturais arianos.

Hitler assumiu a Alemanha em 1934, e ao mesmo tempo que ergueu seu Império, colocou em prática o plano de aniquilação total dos judeus. As Leis de Nuremberg, aprovadas pela Alemanha nazista em setembro de 1935, compostas pela Lei de Cidadania do Reich e pela Lei de Proteção do Sangue e da Honra Alemã, incorporaram muitas das teorias raciais que embasaram a ideologia nazista, ou melhor, constituíram a estrutura legal para a perseguição sistemática dos judeus na Alemanha. De acordo com a Lei da Cidadania do Reich, só pessoas de sangue ou ascendência alemã podiam ser cidadãos da Alemanha. Já conforme a Lei de Proteção do Sangue Alemão e da Honra Alemã, era proibido o matrimônio entre judeus e não judeus, bem como era considerado crime as relações sexuais entre essas pessoas. A lei também proibiu judeus de contratarem empregadas alemãs com idade abaixo de 45 anos, presumindo que os homens judeus poderiam forçá-las a cometer poluição racial. Em síntese, as Leis de Nuremberg foram o marco da legalização da exclusão dos judeus da sociedade alemã e contribuíram para o aumento da violência antissemita no país. Outro episódio que corroborou o processo foi a Noite dos Cristais, um ataque contra os estabelecimentos de propriedade dos judeus no mês de novembro de 1938.

Em 1939, Hitler assinou uma autorização para que médicos e psiquiatras concedessem uma morte de misericórdia a doentes incuráveis, deficientes mentais e físicos, essa permissão

atingiu também judeus e não arianos na Alemanha. Diariamente, eram decretadas novas proibições e manobras, os nazistas confiscaram quase todos os pertences dos judeus: telefones, rádios, toca-discos, máquinas fotográficas. Os óculos eram os únicos objetos com permissão de uso. A água quente foi bloqueada e o acesso aos elevadores e às sacadas de frente para o passeio público proibido. Nas cozinhas dos apartamentos, os fogões a gás e elétricos foram lacrados. À disposição dos judeus ficaram apenas dois fogões e dois fervedores elétricos de uso coletivo. Peixes de aquário, flores, plantas ornamentais, tudo era proibido para os judeus. Nesse contexto, a Lei para Restauração do Serviço Público proibiu judeus de atuarem em cargos públicos. Também passou a ser obrigatório o uso de uma estrela amarela escrito *Jude*, costurada nas roupas, para que esse grupo pudesse ser identificado. Além disso, houve uma série de decretos de desapropriação.

Em contrapartida, para os arianos era permitido: desenterrar judeus de cemitérios alemães, perseguir moças judias, boicotar estabelecimentos judeus, proibir crianças e adolescentes judeus de frequentar escolas alemãs, assumir propriedades e demais bens dos judeus aprisionados em guetos ou em campos de concentração e extermínio. Resumidamente, a realocação nazista pretendia afetar mais de 11 milhões de judeus, incluindo habitantes de países neutros, como Turquia, Portugal, Irlanda e Grã-Bretanha. Segundo Hobsbawm (1995), a primeira enxurrada de destroços humanos e a desumanidade com que foram tratados, não foi nada diante do que foi o resultado da Segunda Guerra Mundial.

Desde que Adolf Hitler alcançou o poder, em janeiro de 1933, a Alemanha era uma das mais fortes potências da Europa. Como *chanceler*, Hitler incorporou ao território alemão a Áustria e a Tchecoslováquia e, na sequência, invadiu a Polônia. Em 1939, a Polônia foi ocupada pelo Exército alemão, em seguida, pelo soviético, o que acarretou a divisão do território polonês. Na parte incorporada à Alemanha, estava a cidade de Oświęcim, local das futuras instalações do campo de Auschwitz-Birkenau. Após a guerra entre Alemanha e URSS, a outra metade da Polônia também passou a ser território alemão. Em 1940, o Exército alemão atacou a Dinamarca, a Noruega, a Bélgica, a Holanda, o Luxemburgo e a França. No ano seguinte, a Iugoslávia, a Grécia e a União Soviética. Nesse ínterim, a maioria da Europa encontrava-se sob ocupação alemã. Para entender a abrangência do Império Nazista, o mapa representado pela Figura 1 aponta a delimitação da área ocupada pelo Terceiro Reich:

Figura 1 - Mapa do Holocausto na Europa entre 1939 e 1945



Fonte: Sémhur (2019). Reprodução Wikipédia.

Ainda em 1933, a Alemanha ergueu os primeiros campos de concentração nazistas, logo após Adolf Hitler assumir a chancelaria. O primeiro deles, Dachau, foi destinado a presos políticos e sindicalistas, e iniciou recebendo cerca de 45 mil prisioneiros. Com a expansão das atividades, os campos passaram a encarcerar aqueles que eram chamados de elementos racionalmente indesejáveis, a exemplo dos ciganos, criminosos, deficientes, homossexuais e judeus. Dachau serviu de protótipo e modelo para os outros campos de concentração nazistas.

Dentro de um grande perímetro, os demais campos de concentração foram distribuídos. Possuíam um rígido controle dos prisioneiros e um forte esquema de segurança, com alojamentos rodeados por cercas de arame farpado e guaritas com guardas armados do Esquadrão de Proteção (SS). De 1933 a 1945, existiram três tipos de campos: de trânsito, de trabalho forçado/concentração e de extermínio. Os primeiros eram utilizados para concentrar muitos prisioneiros, normalmente judeus, que depois eram transportados para os campos de extermínio. São exemplos os campos de Drancy, na França, e Theresienstadt, na República

Tcheca. Já nos campos de trabalho forçado, ou de concentração, os prisioneiros recebiam uma parca ração e trabalhavam à exaustão ou até a morte. Como em Bor, na Sérvia, e em Plaszow, na Polônia. A seu turno, os campos de extermínio eram aqueles em que os prisioneiros eram levados diretamente para a morte nas câmaras de gás. Ali, sobreviviam apenas os sujeitos que eram escolhidos para trabalhar. Entre esses campos estavam Sobibor, Treblinka e Auschwitz, na Polônia. Segundo Beevor (2015, p. 578-579),

[...] Himmler disse a Höss que o seu campo de 10 mil prisioneiros teria de triplicar de tamanho. O tesouro da SS receberia até quatro Reichsmark ao dia por escravo fornecido à IG Farben e, em troca, a SS escolheria *Kapos* violentos e impiedosos entre prisioneiros criminosos de outras partes para açoitar os escravos judeus e fazê-los trabalhar duro.

Mesmo com as divisões de tarefas, todos os campos acabavam por ser de morte. Devido às condições de vida (estrutura física e na higiene), aos maus tratos, à violência, à carga de trabalho exaustiva, às execuções sumárias, às torturas e às doenças. Isso tudo sem contar com a fome e a sede. Em pouco tempo, as pessoas definhavam e morriam. Segundo Beevor (2015) as mulheres nos campos eram disciplinadas por treinadores de cães, tendo mais medo dos bichos do que dos seres humanos. Cerca de 1.200 campos de concentração foram erguidos para fazer o reassentamento judeu (o extermínio de judeus em massa). Alguns desses campos constam no Quadro 1.

Quadro 1 - Campos de concentração

(continua)

Nome do campo	País (atual)	Tipo de Campo	Tempo de Operação	Número estimado de Prisioneiros	Número estimado de Mortes
Auschwitz-Birkenau	Polônia	Extermínio e trabalho	1940-1945	400.000	1.100.000-1.500.000
Belzec	Polônia	Extermínio	1942-1943		600.000
Bergen-Belsen	Alemanha	Coleta	1943-1945		70.000
Bolzano	Itália	Trânsito	1944-1945	11.116	
Buchenwald	Alemanha	Trabalho	1937-1945	250.000	56.000
Chelmno	Polônia	Extermínio	1941-1945		340.000
Dachau	Alemanha	Trabalho	1933-1945	200.000	30.000
Falstad	Noruega	Prisão	1941-1945		200
Le Vernet	França	Internação	1939-1944		

(conclusão)

<b>Nome do campo</b>	<b>País (atual)</b>	<b>Tipo de Campo</b>	<b>Tempo de Operação</b>	<b>Número estimado de Prisioneiros</b>	<b>Número estimado de Mortes</b>
Majdanek	Polônia	Extermínio	1941-1944		78.000
Mauthausen-Gusen	Áustria	Trabalho	1938-1945	195.000	95.000
Plaszow	Polônia	Trabalho	1942-1945	150.000	9.000
Ravensbruck	Alemanha	Trabalho	1939-1945	150.000	90.000
Risiera di San Sabba	Itália	Detenção da Polícia	1943-1945		5.000
Sobibor	Polônia	Extermínio	1942-1943		200.000
Theresienstadt	República Tcheca	Trânsito e Gueto	1941-1945	140.000	35.000
Treblinka	Polônia	Extermínio	1942-1943		800.000
Varsóvia	Polônia	Extermínio e Trabalho	1942-1944	40.000	200.000
Westerbork	Países Baixos	Agrupamento	1939-1945	102.000	

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

No mapa a seguir (Figura 2), pode-se observar a distribuição dos campos de concentração localizados no Leste Europeu, operantes durante a Segunda Guerra Mundial, entre os anos de 1940 e 1945. Ao redor desses campos estavam grandes empresas, beneficiadas com mão de obra escrava, já que os nazistas destinaram milhares de judeus para servir de força de trabalho para multinacionais, algumas conhecidas e com nome de grande importância para o mercado econômico mundial ainda hoje. Entre elas estão a BMW, a Mercedes e a Volkswagen, que além de carros, produziram armamentos para o Exército alemão. Por sua vez, a Hugo Boss, ademais de confeccionar roupas para civis, forneceu uniformes para os guardas alemães. Ainda, a Bayer, a Basf, a IG Farben, a Siemens e outras grandes potências industriais encontravam-se nas adjacências dos campos.

Figura 2 - Principais campos nazistas na Grande Alemanha, 1944



Fonte: Reprodução *United States Holocaust Memorial Museum*.

Os campos de extermínio, como Belzec, Chelmno, Majdanek, Sobibor e Treblinka, foram criados para que o assassinato em massa fosse eficaz. As mortes ocorriam por gás ou fuzilamento. Esses campos executaram aproximadamente 1.526.500 judeus, além de indivíduos pertencentes a grupos sociais considerados inferiores. Os campos de trabalho, como Buchenwald, Dachau, Mauthausen-Gusen, Plaszow e Ravensbrück, utilizavam judeus como mão de obra escrava para que os nazistas aumentassem seu ganho financeiro explorando esse tipo de atividade, usando aqueles a quem designavam como inimigos do Estado, seguindo uma política de aniquilação através do trabalho. Os campos de Risiera di San Sabba e Falstad eram edificações utilizadas para a detenção política. A seu turno, os campos de trânsito, como Bolzano e Theresienstadt, eram centros de acolhimento de judeus que, em seguida, eram deportados de trem para os campos de extermínio. Bergen-Belsen era um centro de coleta ou internamento para judeus, esses eram trocados por prisioneiros alemães capturados pelos inimigos do governo alemão; Le Vernet também era um campo de internação que abrigou presos oriundos da Guerra Civil Espanhola e presos considerados suspeitos ou perigosos para o governo, como membros da resistência e opositores do regime de Hitler.

Auschwitz-Birkenau, o maior de todos os campos, foi um campo de concentração e extermínio, embora tenha sido criado inicialmente para receber poloneses presos pela polícia alemã. Afinal, as prisões causaram a superlotação das cadeias e os prisioneiros passaram a ser levados para o campo. Portanto, a princípio, Auschwitz era apenas mais um campo gerado

pelo sistema nazista e sua guarnição era feita por membros da organização militar do Partido Nazista, o Esquadrão de Proteção (SS). Esse grupo foi criado para defender os membros do partido, para ser uma guarda de elite, mas tornou-se uma organização militar com várias funções administrativas, com atuação no Estado, na polícia, no Exército e na administração dos campos. Sendo, nesse último caso, responsáveis pelo número de mortes, estimado em mais de 1,5 milhão de judeus, além de ciganos, homossexuais, criminosos e inimigos do governo. Foi para o campo de Auschwitz que Rena, Danka e Olga foram deportadas, nos anos de 1942 e 1944, respectivamente. A cidade que anteriormente se chamava Oświęcim, foi rebatizada com o nome alemão de Auschwitz, que também dá nome ao campo de concentração e extermínio, o maior de todos os campos projetados pelos nazistas.

Para que o grande complexo pudesse ser erguido, os habitantes da localidade foram expulsos de suas casas e se tornaram força de trabalho escravo ou foram isolados em guetos. Cerca de 1.200 casas foram destruídas para dar espaço ao sumidouro de Auschwitz-Birkenau. As primeiras construções foram erguidas para dar suporte técnico ao campo. Ademais, escritórios, oficinas, armazéns, alojamentos e algumas casas dos moradores expulsos foram cedidas a oficiais e suboficiais da guarnição. Ao redor do campo, as antigas fábricas foram destruídas e no lugar instalaram-se fábricas relacionadas à produção da máquina de guerra do Terceiro Reich. Auschwitz-Birkenau era dividido em três grandes campos e quarenta e sete subcampos, como descrito no Quadro 2:

Quadro 2 - Divisão de Auschwitz-Birkenau

Auschwitz I	Auschwitz II-Birkenau	Auschwitz III-Monowitz	Subcampos de Auschwitz
A primeira e mais antiga das partes, chamada de Stammlager e formada na metade do ano de 1940, no terreno e nos edifícios do quartel polonês de antes da guerra, com expansão para suprir as necessidades do campo.	A maior parte do complexo de campos de Auschwitz teve início em 1941. Ele tornou-se o maior centro de extermínio em massa, com o extermínio dos judeus nas câmaras de gás. Contou com mais de 90 mil prisioneiros.	Monowitz ou Buna contou com mais de 11 mil prisioneiros em 1944. Formado em 1942, foi um dos primeiros subcampos. Estava situado ao lado das indústrias de gasolina e borracha sintética. Tornou-se um campo independente em 1944. Era responsável pela administração da maioria dos subcampos.	Quarenta e sete subcampos surgiram entre os anos de 1942 e 1944 em Auschwitz. Minas, usinas, fazendas de agricultura e criação, além de outros estabelecimentos industriais ergueram-se a partir de trabalho escravo dos prisioneiros de Auschwitz.

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Entre fevereiro e abril de 1942, o governo eslovaco antisemita e os alemães nazistas realizaram uma série de reuniões para tratar da “Solução Final” acerca da questão judaica na



Europa, o que resultou na assinatura de um acordo. Auschwitz, de início, receberia apenas pessoas jovens, entre 16 e 36 anos, aptas para o trabalho, uma vez que o campo da Polônia não possuía capacidade suficiente para receber as famílias inteiras de judeus eslovacos não aptos. A expansão do campo foi tarefa desses primeiros jovens deportados, eles precisaram construir habitações para judeus que seriam “permanentemente reinstalados” na Polônia. Entretanto, as habitações, na verdade, eram câmaras de gás e fornos crematórios. A Eslováquia pagou aos alemães quinhentos marcos por judeu levado embora, em troca de não reclamar a posse das propriedades deixadas por eles e na condição de, em caso de sobrevivência, jamais retornarem ao país de origem. Com a plena ampliação do campo de Auschwitz, a execução dos judeus – que há algum tempo acontecia em guetos e outros campos menores – passaria a ser feita em escala industrial, ou seja, maior quantidade de mortes em menor tempo. Nesse contexto, a notícia das deportações chegou às famílias eslovacas. A convocação foi destinada às moças, solteiras e jovens. Elas foram escolhidas para compor o primeiro comboio rumo à Auschwitz. Segundo Macadam (2020, p. 36-37):

‘A única coisa permitida aos judeus era cometer suicídio’, disse a mãe de Ivan Rauchwerger. E, agora, eles queriam suas meninas? Não fazia o menor sentido. Por que alguém iria querer levar adolescentes para trabalhar? Adolescentes são preguiçosos e briguentos. E as garotas? São as piores! Elas estão rindo em um segundo e começam a chorar no outro. Elas têm cólicas e ficam irritadas. Elas se preocupam mais com seus cabelos e unhas do que com cumprir as tarefas do dia. Basta olhar para o chão da cozinha que Priska deveria ter varrido! Basta olhar para a louça na pia, com kugel ainda grudado, porque a responsável pela lavagem estava olhando pela janela para Jacob, o filho do rabino, em vez de fazer o serviço. Sem as mães para ensiná-las a limpar e a se orgulhar de trabalhar, a maioria das meninas nunca faria o mínimo de esforço! Que adolescente gosta de trabalhar? E, no entanto, o mundo gira por causa das meninas. Quando são doces e gentis, são as mais doces e gentis das criaturas. Quando elas tomam o seu braço no delas, você se sente a criatura mais amada e valorizada do universo; até as estrelas param de girar nos céus para dizer: ‘Olhem para isso!’. Dependemos das meninas por causa da sua inteligência, da sua paixão, da sua esperança. Da sua inocência. Por isso era tão difícil acreditar no rumor que circulava pelas cidades e vilarejos da Eslováquia - um boato que estava prestes a se tornar uma lei. Por que alguém iria querer que as adolescentes fizessem serviços para o governo? Por que não levar os meninos? Era uma situação triste, todos disseram.

Na praça de Humenné, o pregoeiro colou cartazes e, em seguida, fez a leitura de seu anúncio final. As meninas solteiras, entre 16 e 36 anos, deveriam ir ao colégio para fazer seu registro e passar por um exame de saúde, a ser realizado no dia 20 de março de 1942, a fim de se comprometerem com três meses de serviço governamental. Cada garota deveria levar consigo 40 quilos de pertences. O ministro dos Transportes e chefe do Departamento Judaico, Dr. Gejza Konka, foi o responsável pelo plano de deportação das garotas e pela organização dos transportes ferroviários. Para evitar o embarque, alguns pais tentaram casar as meninas ou

comprar a liberdade das filhas, outros tentaram escondê-las onde pudessem e pelo tempo que conseguissem. Apesar dos esforços, nenhum desses cuidados foi empecilho para as deportações das moças. Nos trens, além de judeus e raças consideradas inferiores, foram transportados os materiais para o “restabelecimento judaico”, posteriormente conhecido como Zyklon B, um pesticida altamente mortal modificado em laboratório para que, em forma de gás inodoro, matasse sem causar pânico.

Heather Dune Macadam fala sobre o momento do embarque das moças eslovacas:

[...] na manhã de 20 de março, a maioria das famílias levou suas filhas aos centros de registro, conforme ordenado. As garotas Friedman estavam entre as que cumpriram as ordens. Elas podiam levar consigo uma bagagem de até quarenta quilos, mas ‘não tínhamos quarenta quilos para levar conosco’, diz Edith. Ela e sua irmã dobraram suas melhores roupas - um suéter, uma saia, algumas calças leggings quentes - porque é isso que você coloca na mala quando precisa ir a algum lugar, suas melhores roupas. A mãe embrulhou o pão caseiro em um pano e o acondicionou na mala de Lea. Esforçando-se para transparecer tranquilidade, elas se convenceram de que estavam cumprindo um dever pelo país (MACADAM, 2020, p. 79-80).

O primeiro comboio feminino desembarcou em Auschwitz transportando novecentas e noventa e nove mulheres. Entre elas estava Rena Kornreich. A descrição do que foram as primeiras imagens do campo e do que ele se tornou dois anos depois se encontram no relato da escritora Macadam (2020, p. 222-225):

Em 1942, quando as meninas marchavam pelos campos em direção a Birkenau, essa estrutura de tijolos, tão comumente identificada com Auschwitz-Birkenau, ainda não existia. Quando elas entraram pelo portão cercado de arame pela primeira vez, só vento varria a estepe. Não havia os dizeres *Arbeit Macht Frei*, apenas algumas torres de vigia de madeira construídas recentemente. Esse vasto espaço continha quase quinze blocos de tijolos divididos em fileiras de três e quilômetros de cercas de arame farpado. Alguns prédios de escritórios de um andar haviam sido construídos para servir aos funcionários da SS, mas, no geral, quase só havia construções retangulares baixas feitas de alvenaria e de madeira, usadas como residências e, algumas, como escritórios. Nos dois anos seguintes, Birkenau iria se expandir para se tornar o maior campo de extermínio de todos os tempos. [...] Birkenau parecia - e era - um terreno baldio.

Um ano depois, em 1943, Auschwitz era um complexo de três campos principais e dezenas de subcampos. Em novembro daquele ano, os administradores do campo decretaram que Auschwitz I-Birkenau e Auschwitz II-Monowitz se tornariam campos de concentração independentes. Rudolf Höss, o comandante de Auschwitz I, continuou como comandante da guarnição de todas as unidades. Höss era considerado o oficial *sênior* entre os três comandantes. Macadam descreve sobre o ano de 1943 em Auschwitz da seguinte forma:

O tratamento em 1943 era diferente do de 1942, no entanto. Sara foi autorizada a permanecer na enfermaria do hospital e já estava lá há cerca de três semanas quando ‘o diabo em pessoa’ - um novo médico que havia chegado à Auschwitz no final de maio - atravessou a enfermaria, selecionando mulheres para o gás. Uma das médicas pegou Sara pelo casaco, escondeu-a em um barril e jogou um cobertor por cima. ‘E, assim, ela salvou minha vida.’ Sara foi uma das primeiras garotas a escapar das garras do dr. Josef Mengele (MACADAM, 2020, p. 315-316).

Em novembro de 1944, Auschwitz II foi reunificado a Auschwitz I, e Auschwitz III passou a ser denominado Monowitz. Nesse mesmo ano, Auschwitz superou todos os outros campos de extermínio: nunca tantos seres humanos foram assassinados num curto período quanto entre maio e julho de 1944. Foram enviados um total de 437.402 judeus (em 147 trens ao longo de 54 dias, aproximadamente 2,7 trens por dia, com 2.975 judeus por trem), principalmente para Birkenau, onde estavam instaladas as câmaras de gás e os crematórios.

Contudo, o Eixo encontrava-se em decadência nesse período, haja vista que, em 1943, os Aliados conseguiram se recuperar da guerra, equilibrando forças com os alemães. A Itália foi invadida e Mussolini deposto, os alemães e japoneses passaram a ser derrotados sucessivamente e ambos os países entraram em colapso. Portanto, a ordem alemã era o extermínio total dos prisioneiros, bem como a destruição dos campos com todos os documentos e qualquer coisa que pudesse comprovar as experiências ali realizadas em seres humanos, a fim de não deixar evidências do acontecido. Por conseguinte, as câmaras e os crematórios passaram a funcionar 24 horas por dia. Todavia, embora o número de pessoas mortas avançasse com rapidez, os campos não conseguiram exterminar de forma total os seus deportados. Macadam (2020) traz o registro das ordens de eliminar por completo todos os vestígios relacionados ao *Holocausto*:

As equipes de demolição começaram a desmontar os crematórios e a explodir alguns dos blocos nos campos femininos. Vigiadas pela SS, as funcionárias da secretaria receberam ordens de carregar documentos de ‘prisioneiros, atestados de óbito e arquivos em um automóvel’. O céu noturno das longas noites de janeiro brilhava em vermelho e laranja sob as pesadas nuvens. A sessenta quilômetros de distância, Cracóvia estava queimando. [...] O campo fervilhava com os boatos de uma evacuação e dos planos da SS de incinerar o local. ‘Quem ficar para trás será queimado vivo.’ ‘Os SS vão derramar gasolina ao redor do perímetro, ligar os fios da cerca, trancar os portões e botar fogo’ (MACADAM, 2020, p. 364).

Em 1945, com a aproximação dos Exércitos dos Estados Unidos e da Rússia, a guarda alemã tentou mais uma vez exterminar aqueles que ainda estavam vivos. Aqueles que sobreviveram ao gás, às doenças e à inanição foram reunidos e deslocados pelos oficiais da SS, que haviam recebido ordens de eliminar todos os sobreviventes, sem cometerem atos

bárbaros, sob o risco de serem incriminados. Assim, posicionaram boa parte desses prisioneiros, os que ainda conseguiam andar, e empreenderam a chamada marcha da morte. A ideia era transferir os judeus dos campos de concentração que estavam no caminho das tropas inimigas para outros dentro da Alemanha ou para locais com maior resistência nazista. Foram feitas grandes caminhadas, com os prisioneiros tendo de se locomover a pé. Isso porque os nazistas precisavam economizar em combustíveis e os caminhões de transportes já não eram tão fartos e disponíveis naquele momento. Cumpre dizer que esses deslocamentos através de grandes distâncias aceleravam a morte dos judeus, já que os prisioneiros estavam em situação degradante – expostos ao frio extremo, sem agasalho, com pouca ou nenhuma comida, água ou descanso. Ainda, aqueles que não acompanhavam o grupo eram assassinados a tiros, sem que fosse necessário o sepultamento nas valas comuns, sem deixar vestígios de extermínio em massa, sem deixar testemunhas, no intuito de prosseguir com o plano genocida até o último instante. Mais de 2 milhões de judeus tinham perdido suas vidas em função das marchas quando os deslocamentos acabaram. Todos deixados para trás, mortos em estradas ou nas zonas rurais da Alemanha, enterrados em covas rasas ou simplesmente largados aos abutres, para encobrir os últimos rastros do *Holocausto*. De acordo com Macadam (2020), a marcha da morte foi o ato final do extermínio dos judeus por parte dos nazistas:

A marcha da morte que seguiu seria o ato final para muitas, incluindo as primeiras meninas. [...] Um dia inteiro foi necessário para organizar a evacuação. Quando as mulheres receberam a ordem de sair, muitas já estavam exaustas de tanto ficar em pé e esperar. A neve caía pesada e dura. Sua profundidade, que até há pouco estava na altura do tornozelo, agora ia até o joelho. Fortemente vigiadas pelos SS nas torres de vigia, as filas de mulheres partiram com espaços pequenos entre elas. As filas masculinas já haviam saído algumas horas antes, abrindo caminho através dos montes de neve. [...] ... as mulheres estavam indo na direção oposta à do avanço russo e da esperança de liberdade. A ‘neve tinha mais de um metro, talvez dois metros de altura’ [...] Quem marchava na frente pavimentava o caminho para quem vinha atrás. [...] ‘A única coisa que tínhamos para comer era neve. Congelada. Molhada’ (MACADAM, 2020, p. 370-373).

Embora Adolf Hitler tenha sido, do início ao fim, o arquiteto da Shoah, Heinrich Himmler, Hermann Göring, Reinhard Heydrich e Adolf Eichmann fizeram parte da cadeia de comando nazista. Assim, mesmo que obedecessem à hierarquia, com disciplina militar, esses homens não eram autômatos, meros cumpridores de leis, posto que discordavam e eram agentes ativos e participativos, não eram vítimas empurradas pelo sistema, eram construtores do sistema, inteirados de toda a política do *Holocausto*. Sem dúvida, eram nazistas empenhados em cumprir com satisfação a política antissemita que ajudaram a criar. Durante os anos de existência dos campos de concentração nazistas, outros nomes do comando do

Terceiro Reich, conhecidos pela História como executores da Shoah ou como administradores dos campos, ganharam maior destaque entre os prisioneiros, por exercerem seus comandos de forma ativa. Entre os mais lembrados através dos testemunhos dos sobreviventes da Shoah estão: Rudolf Höss, administrador geral dos campos de Auschwitz, responsável por experimentos com Zyklon B e pela ideia de fazer uso dessa substância para matar os judeus, sem barulho e sem desespero por parte dos condenados; Irma Grese, guarda do campo feminino de Auschwitz-Birkenau, destemida, cumpridora de ordens, fria e calculista; e Josef Mengele, médico responsável pelas seleções e experiências feitas em seres humanos no campo de Auschwitz, temido pelas seleções que indicavam quem viveria por mais algum tempo e quem morreria em instantes. Esses três últimos nomes recebem destaque na sequência desta escrita.

## 1.2 Höss, Grese, Mengele

Durante a Segunda Guerra, alguns soldados responsáveis pela administração do complexo Auschwitz praticaram atividades ilícitas contra seres humanos, posteriormente reconhecidos como crimes contra a humanidade. Foram criadores de centros de detenção e crematórios, bem como autores das seguintes práticas cometidas durante o genocídio: testes introdutórios e implementação do uso do pesticida Zyklon B (que continha cianeto de hidrogênio para acelerar a morte dos judeus), aplicação de injeção de tinta em olhos de gêmeos para tentar alterar a pigmentação da íris, retirada de órgãos de pessoas vivas sem anestesia, espancamentos e abusos sexuais. Para elucidar algumas ações, Macadam (2020, p. 316-317) descreve:

‘Mengele era tão bonito que você não acreditaria que ele fazia coisas tão ruins’ [...] Um Frankenstein moderno que se deliciava em torturar e conduzir experimentos com homens, mulheres e gêmeos inocentes. [...] ‘realizaram testes injetando vírus em mim para ver como meu corpo era afetado, fato que eles observavam tirando meu sangue e me vendo sofrer. Não peguei a malária que eles injetaram, mas contrai febre tifóide e outras doenças das quais não sei os nomes. Esse período de seis meses é um borrão para mim porque eu estava doente a maior parte do tempo’.

Auschwitz iniciou sob o comando de Rudolf Höss. Nascido em 25 de novembro de 1901, foi oficial alemão e comandante do campo desde 1940 até 1943, quando deixou o comando por um curto período, retornando em 1944 e permanecendo até o fim da guerra. Ele testou e implementou meios para cumprir e acelerar a ordem de Hitler, exterminar sistematicamente toda a população judaica da Europa, por isso delineou as mortes com

Zyklon B por iniciativa de um de seus subordinados. Também, durante três anos e meio, expandiu as instalações originais do antigo campo de prisioneiros soviéticos de guerra. Em 8 mil hectares de terra, construiu o maior complexo de câmaras de gás, crematórios e campos de trabalho forçado, utilizando judeus como força de trabalho escravo para erguer as estruturas do campo de concentração e extermínio. Além disso, em troca de vantagens, fornecia prisioneiros para grandes fábricas alemãs instaladas ao redor do complexo. Após a guerra, foi capturado, julgado, condenado e morto por enforcamento em 1947, em Auschwitz, de frente para um dos crematórios. Beevor (2015, p. 579) fala sobre Höss:

Antes de ser executado por crimes de guerra, Höss escreveu que eles chegavam em péssimas condições. ‘Eles praticamente não recebiam comida durante o trajeto, e nas paradas ao longo do caminho eram despejados nos campos mais próximos e recebiam ordens de pastar as ervas comestíveis que encontrassem como se fossem gado.’ Trabalhando nos períodos mais frios do inverno, com pouca roupa e às vezes reduzidos ao canibalismo, os prisioneiros exaustos e doentes ‘morriam feito moscas’, escreveu Höss. ‘Eles já não eram seres humanos’, explicou. ‘Haviam se tornado animais que só queriam comida.’ Não surpreende que não tenham conseguido construir mais de um par de blocos de casernas, em vez das 28 planejadas.

Em 1942, os nazistas começaram a conscrição de mulheres por causa da escassez de guardas. As guardas femininas, em geral, faziam parte da classe baixa e média e não tinham experiência de trabalho relevante; as suas experiências profissionais anteriores eram diversas: enfermeiras, cabeleireiras, condutoras de bondes/elétricos, cantoras ou professoras. As voluntárias eram recrutadas por anúncios em jornais alemães solicitando às mulheres que mostrassem sua devoção ao Reich para se juntar ao SS. Dos 55 mil guardas que serviam no campo, 3.700 eram mulheres. Junto com o primeiro comboio de moças judias que desembarcaram em Auschwitz, chegaram também guardas mulheres, responsáveis pelo campo feminino. Entre elas, Irma Grese. Nascida em 1923, iniciou seu trabalho na SS antes de completar 18 anos, ingressando na base de treinamento das auxiliares femininas, perto de Ravensbrück, onde prestou serviço após o treinamento. Promovida a uma posição de guarda em Auschwitz-Birkenau, recebeu o segundo posto mais alto permitido para mulheres. Em Auschwitz, entre outras ações de comando, participou de seleções para as câmaras de gás, batia nos seios das mulheres, estuprava prisioneiros, tinha casos com comandantes, e um abajur feito com pele de três prisioneiros. Na evacuação, acompanhou prisioneiros de Auschwitz para Ravensbrück. Com o fim da guerra, em 1945, Irma foi capturada, julgada e morta por enforcamento aos 22 anos. Macadam (2020, p. 164-165) assim descreve Irma:

O ‘anjo loiro’, como a imprensa a chamava, inspirou-me o ódio mais violento que já senti. Pode parecer estranho repeti-lo tantas vezes, mas ela era muito bonita. [...] Passava horas preparando-se diante do espelho e ensaiando gestos mais sedutores. [...] O uso imoderado de perfume talvez fosse o supremo refinamento de sua crueldade. [...] As roupas de Irma tinham um estilo refinado. [...] A agente da SS tinha um belo guarda-roupa. [...] As câmaras de gás forneciam uma abundância de sapatos e roupas, e todos os países martirizados da Europa contribuíram para a sua coleção. O ‘anjo’ com o rosto puro colecionava casos de amor. No campo, falava-se que Kramer e o dr. Mengele eram seus principais amantes.

No ano seguinte, em 1943, Josef Mengele desembarcou em Auschwitz. Josef nasceu em 1911 e era o primeiro de três irmãos. A família possuía uma empresa que fabricava máquinas agrícolas em Günzburg. Após concluir os estudos escolares, mudou-se para Munique, cursou Filosofia e obteve o PhD em Antropologia. Ingressou no Instituto de Biologia Hereditária e Higiene Racial em Frankfurt, onde trabalhou para um geneticista alemão com um particular interesse por gêmeos. Seus estudos, em forma de tese, sobre fenda lábio palatina ou fenda no queixo lhe renderam um doutorado em Medicina. Em 1940, após um treinamento militar nazista, se ofereceu para trabalhar como médico da organização. Em 1941 e 1942, lutou no *front*. Ferido em guerra e tendo salvado outros soldados, após a sua recuperação, assumiu a direção do Instituto Kaiser Wilhelm de Antropologia, Hereditariedade Humana e Eugenia. Em 1943, foi promovido a capitão e transferido para Auschwitz. Ali, selecionou judeus recém-chegados para as câmaras de gás, bem como aqueles que estavam doentes a mais de três semanas, sem aparente recuperação. Fez inúmeros experimentos científicos em mulheres, grávidas ou não, crianças, gêmeos e anões. De acordo com Beevor (2015, p. 580-581),

a IG Farben foi responsável pela morte de dezenas de milhares de trabalhadores forçados e, no entanto, o imenso complexo de Buna-Werke nunca conseguiu produzir borracha sintética. A companhia também financiou os experimentos desumanos em Auschwitz-Birkenau do *Hauptsturmführer* dr. Josef Mengele com crianças, especialmente gêmeos idênticos, e com adultos. Além de remover órgãos, de esterilizar e deliberadamente infectar com doenças as suas vítimas cuidadosamente escolhidas, Mengele testava ‘protótipos de soros e drogas - muitas das quais fornecidas pela Bayer, a divisão farmacêutica da IG Farben’.

Antes do fim da guerra, Mengele fugiu. Mudou de identidade por diversas vezes. Refugiou-se em vários países, inclusive no Brasil, onde morreu afogado em decorrência de um derrame, no ano de 1979, na cidade de Embu das Artes, interior de São Paulo.

### 1.3 O campo feminino em Auschwitz-Birkenau

Durante algum tempo, Oświęcim era apenas o nome de uma cidade da Polônia, em seus arredores estavam instalados alguns campos e, em 1939, havia uma área de alojamentos construída para abrigar a artilharia do Exército polonês. Após essa data, em decorrência da guerra, a área passou a fazer parte da Alemanha. Em 1940, Heinrich Himmler renomeou oficialmente esse lugar, denominando-o de Auschwitz e transformando-o em campo de concentração para abrigar prisioneiros políticos. No entanto, com a invasão da União Soviética, em 1941, o campo precisou se expandir. Até 1942, antes da chegada do primeiro comboio feminino, era um campo oficialmente masculino. Rena Kornreich fez parte do primeiro comboio vindo da Eslováquia, mais precisamente da cidade de Humenné. Sua irmã, Danka, que estava em Bratislava, desembarcou dias depois. Olga Lengyel, em 1942, morava e trabalhava na cidade de Cluj, à época, pertencente à Transilvânia, lugar que não estava incluído nas deportações durante os primeiros anos da guerra. Olga desembarcou em Auschwitz apenas em 1944. Macadam (2020) descreve as meninas deportadas:

Olhar para essas jovens bem-educadas, bem alimentadas e saudáveis, apesar das bochechas manchadas de lágrimas, enchia algumas das novas guardas de Ravensbrück de pena e outras de ódio sádico. [...] Ignorantes de sua situação, nossas garotas não tinham ideia do que as esperava. [...] Profanar a inocência é prazeroso para quem tem uma personalidade perversa, e isso não era incomum entre as mulheres de Ravensbrück. [...] Elas superavam com folga os seus equivalentes do sexo masculino em termos de resiliência, sordidez, vingança e depravação (MACADAM, 2020, p. 137-138).

Rena Kornreich fugiu da Polônia para a Eslováquia no início das deportações. Mas quando as convocações chegaram a Humenné, para que não houvesse prejuízo à família que a acolheu, participou do recrutamento. Acreditou que estava indo para um campo de trabalho. Entrou no vagão de gado sem saber o destino, desembarcou em Auschwitz entre 8 ou 9 horas depois do embarque. Ela relata o momento da chegada:

Os freios guincham com tanta força que sabemos por um instante que nossa viagem terminou. As portas são empurradas e abertas para uma névoa acinzentada fosca. Piscamos quando a luz faz nossos olhos arderem. A placa diz Auschwitz (GELISSEN; MACADAM, 2015, p. 97).

No desembarque, elas foram instruídas a depositar suas bagagens em uma pilha e aguardar ao relento durante horas para a contagem. Apavoradas, com frio, fome, sede,



vontade de ir ao banheiro e muito cansadas, aguardaram até a ordem de locomoção ao bloco indicado. Segundo Macadam (2020, p. 141),

todas queriam ficar onde estava quente, mas lá dentro não havia luz, camas ou calor. Uma palha imunda estava espalhada no chão. Havia dez privadas para mais de novecentas meninas. Descobriram que a única água que havia era aquela que pingava de um cano no porão, então as meninas tinham que lamber as gotas do cano sujo. Desidratadas e exaustas, elas estavam no limite.

No chão de palha, podiam sentir o sangue escorrer pelo corpo. Milhões de pulgas, percevejos e outros insetos percorriam-nas como estradas. As que tentaram fugir, foram mortas pelos guardas. Para as demais, a primeira chamada teve início às 4 horas da madrugada. As meninas foram completamente despidas, sem roupas, brincos e qualquer coisa que tivessem no corpo. Em seguida, duzentas dessas jovens foram submetidas à revista e exame ginecológico. Guardas violentaram-nas à procura de joias. Ao vê-las sangrando além do escárnio, resolveram não procurar nas demais, para não perder tempo. As meninas tiveram cabelos e pelos cortados por homens com tesouras cegas. E aguardaram nuas, no frio e na neve, para serem desinfetadas. Conforme Macadam (2020, p. 146),

a pele irritada pela depilação tornara-se avermelhada. Sem roupas íntimas ou absorventes, não havia como esconder os fluxos menstruais. ‘Todas as meninas pareciam ter menstruado’, diz Edith. ‘Havia sangue na neve sob nossos pés.’ As que estavam na frente pisotearam a neve rosada com os pés descalços, enquanto a fila avançava lentamente para um imenso tonel de desinfetante.

Após, receberam uniformes sujos, alguns até mesmo com buracos de bala e restos de sangue. A insígnia no meio do peito denunciava que pertenceram a soldados russos mortos. Cobertas por trapos, procuraram em uma pilha de sapatos velhos algo para colocar nos pés e, assim, marcharam de volta ao bloco. Também receberam estrelas amarelas e retângulos brancos com um número para costurar nas blusas, além de uma tigela e uma colher de sopa. No regime alimentar planejado pelo governo, as refeições, chamadas de ração, continham menos de mil calorias diárias. Nesse contexto, recebiam no desjejum da manhã um líquido que chamavam de café ou chá, por não ter como identificá-lo, misturado com uma substância chamada Brometo, utilizada como sedativo, um tipo de entorpecente que continha o desejo sexual e inibia a menstruação. O pão era feito de farinha misturada com serragem e a sopa trazia pedaços de legumes podres, carne de cavalos mortos em batalhas, ratos, pedaços de papelão e latas. Punhados de grama e sopa de urtiga também fizeram parte da alimentação dos judeus. Vômitos e diarreias eram constantes. Wind (2019, p. 215) comenta:

Das valas saía um canal para um pequeno barranco, a algumas dezenas de metros de distância. Por esses canais a massa queimada caía no barranco. Eu garanto ao senhor que vi com meus próprios olhos como um homem que trabalhava perto da fogueira desceu no canal e mergulhou seu pão na gordura humana que escorria. É preciso sentir muita fome.

Não há registro do dia exato, mas as meninas também foram tatuadas já de início. No braço esquerdo, fora-lhes atribuído o mesmo número contido no retângulo branco do uniforme. Tatuá-los os prisioneiros era destituí-los de identidade, de vida, de direitos e de humanidade. Por fim, o uniforme igualava a todos.

Figura 3 - Prisioneiras entrando no campo feminino, já com uniformes de prisioneiras sob os olhares dos guardas da SS



Fonte: *Yad Vashem*. Reprodução El País.

Os dias se alternavam, com trabalhos pesados e pouca ou nenhuma refeição. Entre as atividades exercidas, é possível apontar: limpeza de terrenos alagadiços, demolição de prédios, retirada de neve das estradas internas do campo, carregamento de esterco, escavação de valas, limpeza de latrinas, carregamento de blocos de pedras morro acima, entre outras coisas. Nesse cenário, os transportes desembarcavam mais moças judias solteiras. Em um desses grupos recém-chegados, Rena vê Danka, já destituída de sua identidade, e comenta:

- Danka! - Seu lindo cabelo castanho-avermelhado se foi, mas não podem tirar seus olhos castanhos de corça, ou tocar seu rosto bonito. [...] - Danka! - Agarro seus ombros frágeis. Por um momento, ela olha nos meus olhos, aterrorizada e ameaçada por essa estranha. A pedra no meu estômago endurece: ela não reconhece meu rosto. Depois joga os braços em volta do meu pescoço, aos soluços (GELISSEN; MACADAM, 2015, p. 124).

Com o passar do tempo, as meninas mais fracas eram submetidas a trabalhos cada vez mais degradantes, como carregar esterco com os próprios braços e derrubar casas com as mãos para que Auschwitz pudesse se expandir. As que caíam das construções, eram deixadas ali mesmo para morrer. Se um muro desmoronasse sobre as que ficavam embaixo, elas simplesmente morriam esmagadas. Grupos de mulheres marchavam cerca de cinco quilômetros para cavar valas. Outras ferviam água para colocar nos caldeirões de sopa ou chá, depois carregavam essas panelas enormes até os barracões. Muitas morreram queimadas, escaldadas até a morte.

O campo feminino, em pouco tempo, conseguiu destruir emocionalmente essas moças. Os valores familiares, sociais e religiosos foram praticamente esquecidos. Para manter as famílias sem suspeitas, cartões postais dizendo que estavam bem eram escritos pelas prisioneiras e destinados aos seus antigos lares. Cartões com datas para serem enviados até nove meses depois. No campo, a luta pela sobrevivência falava mais alto, mas alguns desistiam e preferiam suicidar-se por não aguentar passar por tamanhas atrocidades. A vida degradada exigia suportar uma rotina de carregar os mortos no fim do dia para a fila da contagem, roubar pão e trocá-lo por medicamento ou algum item de necessidade, curar-se de doenças como o tifo, que ajudou a dizimar inúmeros judeus nos campos, trocar favores sexuais por comida. Tudo isso fazia parte da tarefa de sobreviver.

Para elucidar a situação das mulheres nos campos femininos de Auschwitz, o comandante Höss escreveu em seu diário sobre o tema, ideias transcritas por Macadam (2020, p. 210-211):

Assim que os transportes de judeus da Eslováquia começaram a chegar, [o campo das mulheres] ficou abarrotado até o teto em questão de dias. 'As condições no campo das mulheres eram atroz e muito piores do que no campo dos homens.' As prisioneiras foram 'empilhadas até o teto. Tudo estava preto de piolhos. As mulheres', ele escreveu, deterioraram-se muito mais rapidamente do que os homens. Tudo era muito mais difícil, mais severo e mais deprimente para as mulheres, pois as condições gerais de vida no campo feminino eram incomparavelmente piores. Elas ficavam muito mais confinadas, e as condições sanitárias e de higiene eram notavelmente inferiores. O campo das mulheres, severamente abarrotado desde o início, significava destruição psicológica da massa de prisioneiras, e isso levava, mais cedo ou mais tarde, ao colapso físico. A superlotação desastrosa e suas

consequências, que existiam desde o início, impediram que qualquer ordem adequada fosse estabelecida no campo das mulheres.

Ainda, Höss culpou as mulheres por não terem uma aparência melhor antes de sucumbirem à morte. Se, para ele, os judeus nem eram considerados humanos, ser mulher e judia era o pior, o mais baixo que se podia chegar.

Durante dois anos, Rena, Danka e as mulheres dos demais comboios foram responsáveis pela expansão do campo Auschwitz-Birkenau. Até 1943, Olga apenas ouvia boatos sobre as práticas dos campos de concentração. Em 1944, o Dr. Lengyel, médico e esposo de Olga, foi convocado pelos soldados da SS a comparecer na delegacia, sob a acusação de que sua clínica boicotava o uso de preparações farmacêuticas alemãs. Na sequência, foi deportado. Olga, por acreditar que seu marido estava indo a trabalho para ajudar feridos em decorrência da guerra, ofereceu seus serviços médicos. Embarcou para Auschwitz com os pais e os filhos. E relata esse momento:

Tomei uma decisão no mesmo instante. Enfrentaríamos dificuldades, a vida agradável que tínhamos poderia deixar de existir por alguns anos, mas a separação seria ainda pior. [...] No futuro, bem como no passado, meu lugar era ao lado do meu marido (LENGYEL, 2018, p. 15).

Olga desembarcou no campo justamente quando a ordem era exterminar o maior número de judeus chegados. Seus pais e filhos passaram pela seleção de Josef Mengele com a indicação da fila à esquerda, a fila da morte. Foi a última vez que se viram. Olga e o marido foram selecionados para trabalhar, ela no campo feminino, ele no campo masculino. Ambos trabalharam até o momento que um guarda da SS matou Miklos Lengyel por tentar ajudar outro prisioneiro. Olga, em janeiro de 1945, iniciou a marcha, que para muitas mulheres foi em direção à morte. E testemunha:

Éramos 6 mil mulheres marchando naquela estrada coberta pela neve. A cada dezenas de metros, víamos cadáveres com os crânios rachados. Outros grupos de prisioneiras haviam nos precedido. [...] Vi que estávamos de fato marchando para a morte (LENGYEL, 2018, p. 219-220).

Aquelas que sobreviveram, mesmo após a libertação, ainda estavam sob ameaça, como descrito na seção a seguir.

#### **1.4 A marcha da morte e o fim da Segunda Guerra**

No início de 1945, bombas voadoras, pilotos suicidas e marchas da morte fizeram parte da derrocada do Império Alemão Nazista. Em meio às ofensivas, o Terceiro Reich sofreu significativa redução da força de ataque. Sem chance de recuar, a artilharia aérea dispunha de 1.690 aviões em contra-ataque aos 15.540 pertencentes à frota Russa. Em solo, o exército alemão defendeu seu território com três milhões de combatentes e o apoio de 4 mil tanques blindados na tentativa de conter os 6 milhões de soldados russos e seus 12.900 veículos de guerra. Com a força militar alemã entrando em colapso, as Forças Aliadas cercaram os campos de concentração nazistas. Os soviéticos chegaram pelo leste, já os britânicos, franceses e americanos, pelo oeste. Os alemães começaram a remover os prisioneiros dos campos próximos à frente de batalha e enviá-los para trabalho escravo nos campos situados dentro da própria Alemanha.

No início os prisioneiros foram levados por trem e, posteriormente, seguiram a pé em longas caminhadas que ficaram conhecidas como marchas da morte. Longas distâncias foram percorridas pelos prisioneiros judeus que ainda tinham condições de caminhar. Os moribundos foram deixados nos campos para morrer. As caminhadas eram de longa distância, em temperatura abaixo de zero, com grande quantidade de neve e nenhum mantimento. Quilômetros percorridos a pé, sem roupas nem calçados apropriados, sem comida nem água. A maioria sucumbiu, o que acarretou um rastro de corpos esqueléticos e sangue. Os que não morreram de fome, sede e frio, foram mortos por armas de fogo ou bombas disparadas pelo ataque dos Aliados.

As marchas aconteceram entre janeiro e abril de 1945 e eliminaram milhares de judeus. Dentre os poucos que sobreviveram e foram libertados, centenas morreram no decorrer dos meses por avançado estado de inanição, tifo e outras doenças. Ou seja, embora resgatados e assistidos, ainda não estavam a salvo de todos os perigos. Além do alto risco de morte, as mulheres que sobreviveram ao campo de extermínio enfrentaram outro tipo de ameaça: os soldados russos, que as libertaram depois de meses de luta e as alimentaram, precisavam ser recompensados. Para eles, sexo com as prisioneiras era um ato fraternal, uma forma de amor, de celebrar a vida, enquanto os estupros em massa cometidos contra as mulheres alemãs eram considerados vingança.

Anos depois da libertação do corpo, não obstante, o medo ainda aprisiona os sobreviventes. As lembranças, os pesadelos e o silêncio os acompanham na caminhada do

renascimento após a marcha da morte. Para os que receberam a segunda chance, a luta contra o irracional continua. Como no relato de Edith:

‘Parecemos normais, mas não somos’, diz Edith. Como poderiam ser? ‘Perdi a chance de ter uma educação, que foi o maior roubo que sofri na minha vida. Eu perdi minha saúde. Voltei com meu corpo alquebrado. Elsa voltou saudável, mas tinha medo de tudo. O medo a matou no final’ (MACADAM, 2020, p. 413-414).

Milhões de vidas foram silenciadas durante e depois da guerra. Dos poucos sobreviventes, a maioria preferiu recomeçar olhando apenas para o presente e futuro, mas houve um pequeno grupo que resolveu relatar os horrores da guerra. E são esses poucos relatos que se tornaram obras literárias.

Durante os seis anos em que o mundo se transformou, do plano econômico às delimitações geográficas, a devastação de cidades inteiras e o saldo de aproximadamente 60 milhões de mortos foram o resultado da Segunda Guerra Mundial. Em 1945, os últimos prisioneiros do campo de concentração Auschwitz foram libertados. O cessar-fogo foi acordado após a assinatura de um documento que punha a Alemanha sob custódia dos Estados Unidos. O fim da guerra libertou a Europa do nazifascismo.

Isso exposto, cabe dizer que, a partir da Segunda Guerra, a *Literatura de Testemunho* ganhou destaque ao relatar as experiências dos sobreviventes dos campos de concentração e extermínio nazistas. As obras relatam a memória em forma de testemunho, com base na experiência individual, mas através de uma memória coletiva. Segundo Le Goff (2013), a sociedade da metade do século XX teve sua evolução por elucidar a importância do papel que a memória coletiva desempenha. Uma vez que a memória coletiva não é somente uma conquista, mas um instrumento e um objeto de poder. Afinal, as narrativas pertencem a todos os judeus que passaram pelos campos e que, por algum motivo, não sobreviveram para testemunhar. O capítulo a seguir traz a abordagem desse tipo de narrativa.

## 2 ONDE HÁ FUMAÇA, HÁ FOGO!

A *Literatura de Testemunho* é a autorrepresentação de um sujeito que relata sua experiência, um tipo de escrita cujo foco central é narrar um acontecimento traumático que sobrevive através do discurso. O relato memorialístico testemunha acontecimentos históricos vividos pela pessoa que presenciou/participou dos fatos, é o contraponto com falsas memórias, que ocorrem quando uma pessoa lembra de eventos que não aconteceram, situações que nunca presenciou, lugares onde nunca esteve, ou, então, se lembra de maneira distorcida do que realmente houve. Quando uma pessoa é exposta a informações iguais, várias vezes, tende a criar falsas lembranças sobre o que foi recebido, quando esses dados são repetidos de forma incansável, o cérebro pode entender como real. Dessa forma, as memórias falsas podem ser criadas. As narrativas testemunhais são permeadas pela subjetividade na escolha das informações a serem contadas e possuem a peculiaridade de tratar fatos passados no tempo presente, através de mecanismos dinâmicos associados à retenção e recuperação da informação. Tal característica se justifica em razão de que, mesmo muitos anos depois, essas memórias continuam vivas e reais, passado e presente coexistem. Às vezes, um fato é distorcido; outras, esquecido; mas existem aqueles que, por mais que a pessoa tente, nunca consegue esquecer. Para mais, quem narra utiliza datas para situar o leitor no espaço e no tempo dos acontecimentos. Conforme Gagnebin (2006, p. 57),

testemunha não é somente aquele que viu com seus próprios olhos, o historiador de Heródoto, a testemunha direta. Testemunha é aquele que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento, a história do outro: não por culpabilidade ou por compaixão, mas porque somente a transmissão simbólica, assumida apesar e por causa do sofrimento indizível, somente essa retomada reflexiva do passado pode nos ajudar a não repeti-lo infinitamente, mas a ousar esboçar uma outra história, a inventar o presente.

O testemunho na escrita feminina descreve a história das mulheres dentro do campo de concentração, com características que percorrem o campo semântico da ausência, do silêncio, do indizível, do confessional, do subjetivo, do íntimo, da visão interior, da forma como interpretaram o vivido entre os anos de 1942 e 1945, em Auschwitz-Birkenau. Anteriormente, voltadas ao silêncio da reprodução materna e afazeres domésticos, somente testemunhos contribuíram para tirar as mulheres da invisibilidade do passado, levantando um conjunto de questões e reflexões importantes sobre a representação e dominação do poder desigual da história, abordando a noção de representação dos fatos narrados pela dominação masculina. A

pesquisa feita sobre o *Holocausto* mergulha na História, resgata dados sobre a Shoah, ultrapassa as lacunas do indizível e seus obstáculos. O testemunho dos oculares, a subjetividade e a culpa vão além da razão, e além das gerações.

## 2.1 Literatura de Testemunho como gênero de memória

A *Literatura de Testemunho*, mesmo encontrando problemas referenciais em torno da sua irrepresentabilidade, foi o caminho percorrido por alguns dos sobreviventes após sua libertação do campo de Auschwitz. Os escritores desse tipo de Literatura compartilham da necessidade de falar, de escrever e de passar adiante a experiência vivida – sofrida – nos campos de concentração. Todavia, um medo comum entre os sobreviventes que decidiram não se calar é o de testemunhar e não ser ouvido, de não ter crédito e/ou de ser ignorado. Não obstante, optaram por desabitar-se da clausura de um acontecimento extremo que os aproximou da morte. Assim, os indivíduos presentes do ato testemunhal adentram a literatura. E empregam, nesse espaço, a linguagem de forma peculiar, na busca da compreensão de sua complexidade, formando, a partir do testemunho, um vértice entre história e memória. O testemunho contrapõe o plano genocida de eliminar sem deixar rastro, no intuito de que não houvesse narrativas dos acontecimentos vividos, contribuindo com a impunidade dos responsáveis. Desse modo, a memória do genocídio e o testemunho registrado através da obra literária salvaguardam do negacionismo, da reprimenda e da tentativa de apagamento os acontecimentos praticados dentro dos campos. De acordo com Levi (1988, p. 9), os nazifascistas reverberavam:

seja qual for o fim dessa guerra, a guerra contra vocês nós ganhamos; ninguém restará para dar testemunho, mas, mesmo que alguém escape, o mundo não lhe dará crédito. Talvez haja suspeitas, discussões, investigações de historiadores, mas não haverá certezas, porque destruiremos as provas junto com vocês. E ainda que fiquem algumas provas e sobreviva alguém, as pessoas dirão que os fatos narrados são tão monstruosos que não merecem confiança: dirão que são exageros da propaganda aliada e acreditarão em nós, que negaremos tudo, e não em vocês. Nós é que ditamos a história dos Lager.

Portanto, é através da *Literatura de Testemunho* que a voz destinada ao silenciamento ganha espaço para ressurgir. A escrita testemunhal recria o mundo que se formou na memória das experiências de fatos históricos, constituindo-se numa possibilidade de relatar o vivido e o sentido do real, sem que o autor tenha de limitar a expressão das emoções. O testemunho é um



texto que se caracteriza por estar impregnado de subjetividade e não por almejar a objetividade.

Ademais, o testemunho na Literatura tornou-se, nos últimos anos, um campo de pesquisa necessário aos estudos da área das Ciências Humanas. E impôs à Crítica Literária uma renovação conceitual que incorporou o caráter memorialístico do romance e seus aspectos de “escrita traumática” (SELIGMANN, 2003) a partir do pós-guerra. A *Literatura de Testemunho* se define na forma do texto e se constrói no processo de *mimesis* da experiência individual do ser humano, em forma de denúncia das arbitrariedades históricas, desfazendo o silenciamento do passado. A memória individual e coletiva, ao estabelecer pontos de contato, corroboram a reconstrução da lembrança através de uma base comum. O testemunho divulga os traumas dos sobreviventes de períodos marcados por ditaduras, guerras e genocídios. Em suma, *Literatura de Testemunho* é um termo que abrange produções literárias que surgiram a partir de memórias narradas por aqueles que viveram sob o domínio de regimes autoritários, como é o caso daqueles que passaram pela experiência violenta dos campos de concentração nazistas. O testemunho é o resultado entre o diálogo da presença e da ausência, do esquecimento e da recordação, é a reconstrução dos fatos a partir de fragmentos. Por conseguinte, narrar o passado consiste na busca de estratégias para representar uma experiência ausente.

Giorgio Agamben (2008) aponta motivações para o ato de testemunhar. Segundo o autor, os testemunhos de sobreviventes do *Holocausto* podem ser motivados por vingança em relação aos algozes, pelo silêncio absoluto ou, ainda, por aquelas pessoas que falam disso sem parar, como ele próprio (AGAMBEN, 2008, p. 26). No entanto, de acordo com Primo Levi (2016, p. 47), a morte não se narra, “a demolição levada a cabo, a obra consumada, ninguém a narrou, assim como ninguém jamais voltou para contar a sua morte”. Por sua vez, Seligmann (2003, p. 46) descreve a *Literatura de Testemunho* por dois pontos de articulação: “[...] de um lado, a necessidade premente de narrar a experiência vivida; do outro, a percepção tanto da insuficiência da linguagem diante dos fatos”. Ainda sobre a *Literatura de Testemunho*, Seligmann (2003, p. 46-50) diz que

o testemunho coloca-se desde o início sob o signo da sua simultânea necessidade e impossibilidade. Testemunha-se um excesso de realidade e o próprio testemunho enquanto narração testemunha uma falta: a cisão entre a linguagem e o evento, a impossibilidade de recobrir o vivido (o ‘real’) com o verbal. [...] Literatura de testemunho é um conceito que, nos últimos anos, tem feito com que muitos teóricos revejam a relação entre a literatura e a “realidade”. O conceito de testemunho desloca o ‘real’ para uma área de sombra: testemunha-se, via de regra, algo excepcional e que exige um relato. Esse relato não é só jornalístico, reportagem, mas

é marcado também pelo elemento singular do ‘real’. [...] a literatura sempre tem um teor testemunhal. [...] Pensar sobre a literatura de testemunho implica repensar a nossa visão da História - do fato histórico. [...] Evidentemente, na medida em que tratamos da literatura de testemunho escrita a partir de Auschwitz, a questão do trauma assume uma dimensão e uma intensidade inauditas. [...] Ao pensarmos Auschwitz, fica claro que mais do que nunca a questão não está na existência ou não da ‘realidade’, mas na nossa capacidade de percebê-la e de simbolizá-la. [...] ‘Três décadas aumentaram o nosso conhecimento dos eventos em si, mas não a nossa compreensão deles’.

Só depois do fim da guerra que o *Holocausto* foi conhecido em sua totalidade, quando os homens e mulheres que sobreviveram contaram suas perdas, as violências sofridas e os abusos cometidos. A história da Segunda Guerra e do regime de Hitler ganhou contornos mais esclarecedores – e estarrecedores. Nessa perspectiva, contribuições valiosas aos historiadores e demais áreas que procuram estudar aquele período, advindas da *Literatura de Testemunho*, se encontram nas obras de estudo do *corpus*. *Irmãs em Auschwitz* e *Os fornos de Hitler* constituem uma fonte qualificada, embora Primo Levi diga que os verdadeiros testemunhos não sobreviveram para dar seus depoimentos:

Repito, não somos nós, os sobreviventes, as autênticas testemunhas. Esta é uma noção incômoda, da qual tomei consciência pouco a pouco, lendo as memórias dos outros e relendo as minhas, muitos anos depois. Nós, sobreviventes, somos uma minoria anômala, além de exígua: somos aqueles que, por prevaricação, habilidade ou sorte, não tocamos o fundo. Quem o fez, quem fitou a górgona, não voltou para contar, ou voltou mudo; mas são eles, os ‘*muçulmanos*’, os que submergiram – são eles as testemunhas integrais, cujo depoimento teria significado geral. Eles são a regra, nós, a exceção. Sob um outro céu, mas sobrevivente de uma escravidão análoga e diferente (LEVI, 2016, p. 47).

Narrar permite que o sobrevivente inicie um trabalho de reconstrução da vida, de reintegração ao mundo como sua casa. Narrar o trauma consiste, em primeiro lugar, no desejo de renascer. Testemunhar e esquecer para recomeçar. Falar do coletivo, em nome dos que não sobreviveram, e, ao mesmo tempo, do individual para libertar-se. Aliás, as narrativas testemunhais abordam tanto as memórias individuais quanto as coletivas, uma vez que as lembranças são constituídas no interior de um grupo. Nesse sentido, segundo Maurice Halbwachs (1990, p. 75),

[...] a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada.

Entre os sobreviventes do *Holocausto*, há os que preferiram nunca mais falar sobre os fatos. Em contrapartida, para outros, falar, contar, testemunhar ou reviver as atrocidades tornou-se tão necessário quanto comer, beber, dormir ou respirar. Afinal, a vida está ligada à experiência que se viveu, e essa experiência vive na memória. A *Literatura de Testemunho* que faz a abordagem do *Holocausto*, documenta e registra a Shoah como o evento central, abarcando toda a sua singularidade, pois é com base nos relatos que é possível ter noção de como a história foi acontecendo, desde o início da guerra, quando as pessoas acreditavam estar sendo deportadas a trabalho, e tinham esperança de que tudo acabasse logo, até o fim, quando os judeus estavam sendo exterminados sistemática e aleatoriamente, e a esperança de qualquer nexos e sentido já parecia perdida. Na *Literatura de Testemunho*, a memória expressa em palavras as atrocidades sofridas pelos sobreviventes. Conforme as memórias contadas por Rena:

Toco a cicatriz no meu antebraço esquerdo, logo abaixo do cotovelo. Removi a tatuagem cirurgicamente. Havia muitas pessoas que não sabiam e havia perguntas demais: ‘O que significam esses números?’, ‘É seu endereço?’, ‘É seu número de telefone?’. O que eu deveria dizer? ‘Esse foi o meu nome por três anos e 41 dias?’. [...] Então, escolhi remover as perguntas do meu braço, mas não da minha mente - isso nunca pode ser apagado. O pedaço de pele que o médico removeu cirurgicamente repousa em um frasco de formol, o que transformou a cor do tecido em um verde assustador. A tatuagem provavelmente já desapareceu a essa altura. Não verifiquei. Não preciso de lembretes. Eu sei quem sou. Eu sei o que eu era. Eu estava no primeiro transporte para Auschwitz. Eu era o nº 1716. Rena Kornreich Gelissen, Janeiro de 1994 (GELISSEN; MACADAM, 2015, prólogo).

A noção de testemunha primária é aplicada ao sobrevivente, que relata a história por intermédio do que aconteceu a si, a seus familiares e aos demais prisioneiros em um âmbito pessoal extremamente conectado a fatos que dizem respeito ao coletivo. A história de cada família está ligada a acontecimentos de ordem histórica e pessoal. Ademais, o testemunho é literal: incapaz de traduzir o vivido em imagens e metáforas, mas fragmentado; incapaz de incorporar em uma cadeia contínua as imagens indescritíveis. Quem relata os fatos tenta dar a eles um contexto e um nexos. Entretanto, quando as ideias são dolorosas demais, nota-se um distanciamento, um bloqueio proposital por parte da testemunha em busca de sua própria proteção. Cada fato histórico narrado, além da data, revela as impressões pessoais, os sentimentos e as histórias que não foram registradas oficialmente. As narrativas também abordam fatos relacionados aos sentidos, como as lembranças de cheiros e gostos relatadas por Rena:

Uma grande porção de pão de verdade cai aos nossos pés. É o maná do céu. [...] - Tem cheiro de casa. [...] O cheiro da massa fermentada leva nossas narinas à distração. [...] Há uma memória que vem à tona, clara em minha mente, algo sobre o pão e Mama (GELISSEN; MACADAM, 2015, p. 156-157).

A *Literatura de Testemunho* abre as portas dos campos de concentração nazistas. Por ela, narrador e leitor percorrem as ruas de mãos dadas. A riqueza de detalhes descritos nessas narrativas transborda sentimentos. O frio e a fome brotam em corpos que lá nunca estiveram. O testemunho na obra literária fala dos abusos cometidos pelo Estado, recobrados através da memória dos sobreviventes do *Holocausto*. Denuncia a responsabilidade social do passado, vinculada aos não sobreviventes e aos que resistiram, traduzida na voz daqueles que não conseguem dar conta dos momentos dolorosos que os acometeram. Porém, uma vez que a memória do testemunho desconstrói a história oficial, dá motivo para que o nacionalismo marginalize fatos considerados inferiores ou perturbadores, tratando-os como inexistentes. Segundo relata Olga:

Quando cheguei, eu mesma vira tudo através de uma névoa de incredulidade e fora incapaz de perceber os detalhes; era muito difícil alguém acreditar no que estava vendo. [...] Enquanto os deportados eram desembarcados, a orquestra do campo, prisioneiros em pijamas listrados, interpretava temas melódiosos para dar as boas-vindas aos recém-chegados. As câmaras de gás estavam à espera, mas as vítimas precisavam ser amaciadas. As seleções na estação ferroviária eram feitas, em geral, ao compasso de lânguidos tangos, arranjos de jazz e baladas populares. Ao lado, as ambulâncias aguardavam os doentes e idosos. [...] Tudo precisava ocorrer “à perfeição” naquela cerimônia lúgubre. Até mesmo as tropas da SS observavam escrupulosamente as regras do jogo. Tinham todo o interesse em evitar incidentes. Com tais táticas, alguns poucos guardas conseguiam manter a ordem entre aqueles milhares de condenados. [...] Outras prisioneiras colocavam os doentes nas ambulâncias da Cruz Vermelha. Ocupavam-se deles com ternura, até que as fileiras estivessem fora do alcance de visão, e então o comportamento daqueles escravos da SS mudava radicalmente. Com brutalidade, jogavam os doentes nos caminhões de despejo, como sacos de batatas, uma vez que as ambulâncias já estavam lotadas. Assim que estivessem todos enfiados lá dentro, gemendo e gritando de puro terror, a carga era levada para os fornos crematórios (LENGYEL, 2018, p. 86-87).

O testemunho na obra descreve coerentemente os fatos em aproximação com o passado. Sendo assim, trata do mesmo tema que a historiografia, mas por perspectivas diferentes, trabalhando experiências individuais em contextos complexos. Os testemunhos, em alguns momentos, refugiam-se no passado, como se as lembranças pudessem transportá-los para um lugar familiar, portanto, seguro. O relato do genocídio, apesar de os algozes não existirem mais para serem punidos, e as vítimas não serem veladas como merecem, já que seus restos permanecerão em valas ou foram despejados e espalhados pelo ar, como cinzas, não deixará que o sofrimento seja esquecido, prestando, assim, um tributo a essas vítimas. Não há

lápides para provar que eles existiram, no entanto, a memória e o testemunho fazem esse registro. Convém dizer, nesse ponto, que a *Literatura de Testemunho* trabalha o *Holocausto* até mesmo em forma de poesia, como “Recusa a Depor”, de Ruth Klüger (2005, p. 251-252), transcrita a seguir:

Havia turistas à mão para dar cobertura,  
a estações de trem a fuga me levou.  
Minha ordem de prisão pendia de cada muro,  
por diferentes nomes eu era conhecida,  
com diversos penteados procurada.

Onde eles constroem as casas novas  
(cada tijolo, cada prego me conhece!)  
me atrevi a parar, a olhar,  
refugiei-me na vida rotineira das mulheres,  
mas o sol da rotina me queima.

Por toda a parte eu era acusada,  
em toda parte, me proibiam a entrada.  
Todos os guardas me perguntavam,  
aonde fosse ou estivesse, pelos mortos.

E todo interrogatório é sobre fatos  
que aconteceram perto de mim, porém sem mim.  
Eu vi, como vou negar?  
Mas nem as testemunhas mais mentirosas  
são tão pouco confiáveis quanto eu.

Cada fantasma que chega pode me desalojar,  
pois tenho de seguir adiante quando algum me diz: ‘Fala’.

O imperativo de testemunhar é sentido pelos sobreviventes não apenas como uma missão de educar e alertar – para que tal evento não mais aconteça –, mas também como uma dívida para com os mortos, já que falar em nome deles, do silêncio deles, é devolver-lhes a palavra, apesar de a distância temporal borrar os contornos dos eventos. A memória representa o passado em sua versão genuína, relacionando-se com a produção do conhecimento histórico no estágio do testemunho e dos arquivos, ou seja, quando o historiador faz uma primeira pesquisa acerca dos fatos. No entanto, as dificuldades da memória e do esquecimento repercutem em toda a obra, uma vez que com o passar do tempo são constantes as seleções dos fatos vividos. Segundo Paul Ricoeur (2014, p. 40),

[...] memória ‘certa’ é a convicção de não termos outro recurso a respeito da referência ao passado, senão a própria memória [...] Uma ambição, uma pretensão está vinculada à memória: a de ser fiel ao passado; desse ponto de vista, as deficiências procedentes do esquecimento [...] Se podemos acusar a memória de se mostrar pouco confiável, é precisamente porque ela é o nosso único recurso para significar o caráter passado daquilo de que declaramos nos lembrar. [...] não temos

nada melhor que a memória para significar que algo aconteceu, ocorreu, se passou antes que declarássemos nos lembrar dela.

Quanto ao testemunho, ele configura uma transição entre a memória e a história. A leitura dos depoimentos traz à tona como era a vida nos campos de concentração, como era viver provisoriamente à beira da morte iminente, como os prisioneiros lidavam com as demandas conflitantes, por um lado, de conviver com a penúria e se esforçar para estender sua sobrevivência – mesmo que por mais um dia –, por outro, de ser solidário, ter compaixão e acolher aqueles que compartilhavam da mesma situação. Quem narra percebe a fragilidade de suas memórias, mas narra com sinceridade e contrapõe as ideias baseadas em julgamentos; fala de si e do coletivo para poder compor a memória do genocídio. A *Literatura de Testemunho* recupera a condição de ser humano, de indivíduos completos, de possuidores de direitos ao identificar essas testemunhas com nomes, datas, memórias e relatos, tornando-as personagens históricas, sobreviventes do *Holocausto*. Desse modo, provoca a lembrança das coisas passadas, isoladas ou em blocos, particulares ou coletivas.

Não se poderia falar dessas dificuldades de maneira responsável sem ter antes atravessado as planícies áridas da epistemologia do conhecimento histórico para chegar à região dos conflitos entre memória individual, memória coletiva, memória histórica, nesse ponto em que a memória viva dos sobreviventes enfrenta o olhar distanciado e crítico do historiador, para não mencionar o do juiz (RICOEUR, 2014, p. 99).

A *Literatura de Testemunho* é uma modalidade textual que apresenta uma narração sobre um fato ou acontecimento marcante da vida de uma pessoa. Através da narrativa, podemos sentir as emoções e os sentimentos expressos pelo narrador. Rena e Olga são narradoras-protagonistas que contam as histórias de suas vidas, os anos vividos como prisioneiras do campo de concentração e extermínio Auschwitz-Birkenau. O relato pessoal apresenta um tempo e espaços bem definidos, importantes na construção da subjetividade, e o narrador torna-se o protagonista da história. No mundo do *eu*, o narrador domina o texto e conta as experiências pelo seu ponto de vista, essa pessoa é indicada para dar ênfase a alguém. O *eu* conhece suas lutas e tem um olhar diferenciado sob cada uma delas. O personagem é humanizado. Esse gênero literário possui tempo, espaço, personagens e narrador não-ficcional. Nesse contexto, o leitor torna-se íntimo do narrador e imagina-se vivenciando tais momentos.

No entanto, as memórias são individuais e intransferíveis. A testemunha ocular e vítima, nesse sentido, reescreve a memória do trauma. As narrativas testemunhais,

principalmente quando se trata de um acontecimento limite, são repletas de emoção, devido à ligação pessoal que a testemunha tem com o fato relatado. Seligmann (2003, p. 136-137) fala sobre os sobreviventes que testemunharam fatos sem paralelos com a história:

Não devemos esperar do testemunho que ele explique algo, nós não devemos fazer-lhe perguntas nem inquiri-lo sobre a história, mas apenas garantir-lhe o direito de falar, de contar. [...] A solidão do sobrevivente é dor de descobrir-se em um mundo em que tudo tem a mesma aparência, homens, carros, médicos, caminhões, chuveiros, e não poder entender como tudo isso se transfigurou em uma gigantesca máquina de morte. É dor pela sensação de absoluto isolamento em um mundo no qual seres humanos - máxima semelhança - se tornaram assassinos de um povo. [...] A literatura é o testemunho de sua própria possibilidade de sobrevivência [...] A história deve resgatar as histórias de vida, as dores e as intensidades subjetivas, deve também problematizar a memória, sem jamais recusar a aproximação com a mais (aparente) incompreensível destruição.

Trata-se da memória da dor no luto e na consolação, é preciso lembrar para esquecer e, também, lembrar para que ninguém esqueça. A guerra e os atos de barbárie formam um simulacro dessa catarse: a vivência da dor é anestesiada e presa num quatinho escuro bem lá no fundo da alma; o mal, supostamente aniquilado, ressurge na *Literatura de Testemunho*; e o inacreditável é oferecido ao mundo através de relatos de sobreviventes.

## 2.2 Como narrar o indizível? Na posição de testemunha no momento do relato

Os relatos das testemunhas são resultados de atividades de introspecção, ainda que sua autoria possa ser compartilhada com outras pessoas. Refere-se à escrita de si, na primeira pessoa, na qual o indivíduo assume uma posição reflexiva em relação à sua história e a tudo que o cerca. Os escritos testemunhais sobre os indizíveis envolvendo o *Holocausto* repercutem em um gênero literário que empresta força à narração. Todavia, a Shoah é um evento sem testemunhas em sentido duplo: é impossível testemunhar tanto a partir de dentro, pois não se pode testemunhar de dentro da morte, quanto de fora, pois o sobrevivente foi excluído do acontecimento em sua finalidade. Ainda, há dificuldade da testemunha em relatar acontecimentos traumáticos, por isso muitos sobreviventes preferiram não falar, ou se manifestaram muitos anos depois sobre o transcorrido no campo. Para se ter ideia sobre algo indizível, inexplicável, pode-se observar a Figura 4 e tentar descrevê-la:

Figura 4 - Militares norte-americanos observando a pilha de corpos amontoados em um vagão no campo de concentração de Buchenwald



Esta fotografia foi tirada logo após a libertação do campo. Alemanha, 18 de abril de 1945.

Fonte: *United States Holocaust Memorial Museum*, cortesia de Lowell Thomas. Reprodução Enciclopédia do Holocausto.

Lembrar, escrever, esquecer. Os relatos transitam entre a necessidade de lembrar e a impossibilidade de esquecer. Narrar o indizível revela o quão difícil é resgatar e registrar memórias de períodos traumáticos. Embora devastados pela experiência do invisível, quem sobreviveu aos acontecimentos praticados (de maneira não ingênua, mas friamente calculados) sabe que, apesar das narrativas, algo sempre ficará silenciado, oculto e sem explicação. Não obstante, o sobrevivente se dispõe a realizar uma tarefa bárbara, residual e incompleta, pois sabe da importância que essa narrativa terá como memória do fato histórico que não deve ser esquecido. Apagar as lembranças significa acabar de forma efetiva com as atrocidades praticadas contra os judeus durante o *Holocausto* e permitir que os horrores se repitam. O testemunho do sobrevivente também é *in Erinnerung an* (em memória de) todos os que sucumbiram.

No entanto, cumpre dizer que a libertação dos sobreviventes e o fim do *Holocausto* foram, também, a indução a um apagão histórico. Quem se dispôs a falar sobre as atrocidades não teve o apoio, nem o incentivo, tampouco a atenção que precisaria ter para reverberar



tamanha maldade sofrida pelos judeus. Sem apoio, os sobreviventes sentiram, além da dificuldade de narrar os fatos e, conseqüentemente, de reviver todas as atrocidades a que foram submetidos, a necessidade de serem ouvidos, o medo do descrédito e da exclusão.

As primeiras notícias sobre os campos de extermínio nazistas começaram a difundir-se no ano crucial de 1942. Eram notícias vagas, mas convergentes entre si: delineavam um massacre de proporções tão amplas, de uma crueldade tão extrema, de motivação tão intrincadas que o público tendia a rejeitá-las em razão de seu próprio absurdo. [...] Curiosamente, esse mesmo pensamento ('mesmo que contarmos, não nos acreditarão') brotava, sob a forma de sonho noturno, do desespero dos prisioneiros. Quase todos os sobreviventes, oralmente ou em suas memórias escritas, recordam um sonho muitas vezes recorrente nas noites de confinamento, variado nos particulares, mas único na substância: o de terem voltado para casa e contado com paixão e alívio seus sofrimentos passados, dirigindo-se a uma pessoa querida, e de não terem crédito ou mesmo nem serem escutados. Na forma mais típica (e mais cruel), o interlocutor se virava e ia embora silenciosamente (LEVI, 2016, p. 7-8).

A testemunha é alguém que sobreviveu a uma catástrofe e que não consegue dar conta do ocorrido, vivendo enclausurada em um acontecimento aterrador que a deixou perto da morte. Ela tenta reunir os fragmentos, as lembranças do acontecido e dar a eles um nexos, um sentido. O sobrevivente é uma fonte histórica, uma das formas de suprir as lacunas deixadas pela destruição de vestígios. No momento do relato, a testemunha retorna ao local do crime, revive o sofrimento e dá voz a si e aos que foram exterminados. Nesse ponto, é preciso deslocar o olhar do conteúdo relacionado ao *Holocausto* e levar em conta a condição humana das testemunhas. De acordo com Nascimento (2007, p. 90-92),

as narrativas que foram produzidas a partir da guerra configuraram-se enquanto monumentos construídos, a despeito das inúmeras tentativas de emudecimento, a partir de vestígios de cultura recuperados em forma de despojos. [...] A impossibilidade de se perpetuar uma literatura grandiosa a partir da Shoah e, apesar disso, ter confiança no futuro, parece ter sido o paradoxo que faz prevalecer a narrativa dos sobreviventes sobre o olvido. Um dos nossos compromissos desse milênio deveria ser, então, um compromisso com a narrativa dos sobreviventes. Os relatos de testemunho, porque construídos por vestígios ou fragmentos de memórias que, a contrapelo de práticas e políticas do esquecimento, fazem-nos refletir sobre a possibilidade de tradução da experiência de extermínio e de um saber estranho que dali é originado, marcam as narrativas contemporâneas. [...] Dessa forma, as vidas silenciadas nos campos de morte nazistas, seja através do escamoteamento do nome próprio e a sua tradução em número tatuado no braço, seja pelo confisco dos bens particulares para soterramento da memória, ressurgem como corpos-arquivos pelas mãos e vozes dos narradores. O corpo-arquivo, disseminado pelas estratégias de sobrevivência da memória, é, pois, recuperado pela narrativa dos sobreviventes ou de seus porta-vozes.

Por isso, quando os fatos são relatados, a testemunha precisa se encontrar a um distanciamento emocional saudável para que não sofra novo abalo pela proximidade dos

sofrimentos vividos. O acaso e a sorte foram os principais aliados daqueles que sobreviveram ao *Holocausto*. Das deportações até a marcha da morte, os sobreviventes falam de suas experiências como algo fora da realidade, como se vividos em outra dimensão. Seligmann (2003, p. 48) descreve o indizível:

‘o indizível não está escondido na escrita, é aquilo que muito antes a desencadeou’. A impossibilidade está na raiz da consciência. A linguagem/escrita nasce de um vazio - a cultura, do sufocamento da natureza e o simbólico, de uma reescritura dolorosa do ‘real’ (que é vivido como um trauma). [...] Aquele que testemunha se relaciona de um modo excepcional com a linguagem: ele desfaz os lacres da linguagem que tentavam encobrir o “indizível” que a sustenta. A linguagem é antes de mais nada o traço - substituto e nunca perfeito e satisfatório - de uma falta, de uma ausência. O mesmo Percec afirma ainda: ‘sempre irei encontrar, em minha própria repetição, apenas o último reflexo de uma fala ausente na escrita, o escândalo do silêncio deles [os pais de Percec, assassinados pelos nazistas] e do meu silêncio [...]. A lembrança deles está morta na escrita; a escrita é a lembrança de sua morte e a afirmação de minha vida’.

Nessa perspectiva, sobreviver não acarreta levar consigo a paz e a felicidade plena. A partir do sentimento de culpa, o sobrevivente torna-se acusador de si mesmo. Acompanhamo a vergonha, a impotência, o julgamento que faz de si (acredita ser uma pessoa má por ter sobrevivido) e a sensação de supressão da dignidade, da própria condição humana.

### 2.3 A culpa que transcende

A culpa de ter passado por um grande trauma e ter sobrevivido levou os sobreviventes do *Holocausto* a entenderem-se como responsáveis pela morte dos outros. Em um monólogo acusador, o sobrevivente diz a si mesmo: eu deveria ter morrido com eles, eu deveria ter morrido no lugar deles, se não morri é porque sou tão mau, tão perverso, que consegui escapar. Percebe-se, aqui, a sensação aumentada de não ter feito o suficiente para salvar vítimas, o que agrava essa culpa. Aliás, às vezes, a culpa do sobrevivente se externa pelo testemunho, como se vê nas obras literárias memorialísticas, mas isso não diminui a insuportável carga de fazer parte do mundo enquanto milhões sucumbiram. Diz Olga:

*Mea-culpa, minha culpa, mea máxima culpa!* Não sou capaz de me absolver da acusação de que fui, em parte, responsável pela morte dos meus pais e dos meus dois filhinhos. O mundo compreende que eu não poderia ter adivinhado, mas, em meu coração, persiste o terrível sentimento de que eu poderia, de que eu deveria tê-los salvado (LENGYEL, 2018, p. 11).

Essa culpa não se restringe ao sobrevivente, ela pode ser transferida aos filhos e netos, quando revelados os fatos vividos durante o *Holocausto*, em magnitude, gravidade e duração, resultando em trauma para o novo grupo familiar; pois a culpa pode se basear na equidade, uma vez que a ideia era eliminar todos os judeus, no entanto alguns sobreviveram, isso incute aos sujeitos uma sensação de punição iminente. Surge, então, o sentimento de culpa atordoante e injustificada pelo destino diferenciado entre os sobreviventes, que encaram sua sorte como resultado do sacrifício da vida de outrem. Sendo assim, a libertação dos campos de concentração, ao invés de ser vivenciada como um retorno à vida, instala a dúvida quanto ao próprio caráter e mérito por ter escapado ao destino de milhões. Na absoluta aleatoriedade da morte, que se furta a qualquer explicação, a busca do sentido se faz obrigação incontornável para o sobrevivente.

Ainda, como uma experiência traumática coletiva, os efeitos da história do *Holocausto* não afetam somente a testemunha primária da catástrofe, mas também seus sucessores, que adquirem esse legado e vão repassando de geração em geração os efeitos sociais e psicológicos da experiência traumática. Percebe-se que o sujeito transita pela memória e, ao encontrar as feridas instaladas em seu íntimo, tende a desenvolver estratégias de inibição da sobrecarga dos traumas históricos, a fim de ausentar-se do desprazer psicológico. Segundo Ruth Klüger (2005, p. 87), “onde não existe túmulo [...] o trabalho de luto nunca termina”.

As chamadas situações limite estão ligadas à aleatoriedade, o que as tornam impermeáveis a explicações racionais, com isso, o sobrevivente pode traduzir a culpa como ódio por si mesmo, impotência e descaso pela vida de seus semelhantes. Aquele que foi poupado das máquinas de destruição do *Holocausto* não exatamente sofre pelo ódio que dirige a si mesmo, mas simplesmente porque o fizeram sofrer. Em meio a uma conspiração do silêncio, a autoridade do sobrevivente é retirada e definida pela culpa. Se ele é culpado, talvez então seja verdade que as vítimas do genocídio colaboraram para sua própria destruição. Esse trauma ressurgue na memória, muitas vezes, de forma involuntária. O sobrevivente vive o sentimento paradoxal da culpa da sobrevivência em uma situação em que todos deveriam ter morrido. Novamente, essa culpa possui uma transmissibilidade. Da mesma forma que os ensinamentos passam de pai para filho, as memórias, os valores e os sentimentos também são herdados e repetidos, ainda que de forma inconsciente. Levi (2016, p. 10) fala do sentimento de culpa:

A recordação de um trauma, sofrido ou infligido, é também traumática, porque evoca-la dói ou pelo menos perturba: quem foi ferido tende a cancelar a recordação

para não renovar a dor; quem feriu expulsa a recordação até as camadas profundas para dela se livrar, para atenuar seu sentimento de culpa.

A culpa do sobrevivente manifestada após o *Holocausto* abrange o luto pela perda dos familiares, a tristeza por continuar existindo depois de perder alguém, e a cobrança de que poderia ter feito mais. Esse sentimento é recorrente em sobreviventes de grandes tragédias e de lutos isolados, como no caso de sobreviventes que preferiram não falar sobre o acontecido e viveram por muitos anos com esse segredo, carregando no peito o luto silencioso. Ademais, esses sobreviventes sentem que não merecem estar vivos no lugar de quem partiu, que falharam nos cuidados e na proteção de seus entes queridos e que deveriam ter partido no lugar deles. Segundo Seligmann (2003, p. 52),

os sobreviventes e as gerações posteriores defrontam-se a cada dia com a tarefa [...] de rememorar a tragédia e enlutar os mortos. Tarefa árdua e ambígua, pois envolve tanto um confronto constante com a catástrofe, com a ferida aberta pelo trauma - e, portanto, envolve a resistência e a superação da negação - como também visa a um consolo nunca totalmente alcançável.

A vivência traumática, mesmo anos depois do fim do *Holocausto*, não para de ecoar e assombrar, provocando ressonâncias nas gerações seguintes. Os enigmas na alma das crianças que carregam um fardo de lembranças que não são suas, que não viveram, ressoam do trauma que faz parte do mundo interno de seus pais e avós. Os traumas dos antepassados que não puderam ser elaborados por aquela sua geração são transmitidos como catacumbas, reminiscências e/ou fantasmas aos seus descendentes.

O trauma marca além do corpo. A alma leva as cicatrizes. A vida que segue depois de uma situação extrema com risco de morte e com a perda de entes queridos marca a ferro esse ser humano. O ferimento nunca alcança a cura, de tempos em tempos sangra. Ao ler o texto da orelha da obra *O ar que me falta*, de Luiz Schwarcz (2021), se tem ideia da culpa como algo que transcende e se torna traço característico presente nas gerações seguintes.

Luiz Schwarcz carrega consigo a história de uma família que abandonou tudo para fugir ao terror nazista: o pai, húngaro, conseguiu escapar, sozinho, de um trem a caminho do campo de extermínio de Bergen-Belsen, deixando Láios, avô do autor, no vagão que acabou por levá-lo à morte; [...] as lembranças dolorosas do passado trágico pesaram sobre a nova vida. Filho único, Luiz, ainda jovem, entendeu ser responsável por expurgar a culpa que André carregava por não ter podido evitar o fim extremo do próprio pai, e se viu como o elo a manter estável o casamento de André e Mirta, união repleta de silêncio, dor e incompatibilidade. Assumir esse

papel, porém, será a fonte de angústias que o acompanharão ao longo de toda a infância, adolescência e fase adulta (SCHWARCZ, 2021, primeira orelha do livro).<sup>2</sup>

O peso da culpa do sobrevivente, o fato de continuar existindo apesar da morte de milhões de pessoas, inclusive de seus familiares. A culpa de deixar algo para trás, de não ser possível enterrar seus entes queridos, de não poder viver o luto, a impotência diante do inacabado acompanha os sobreviventes de grandes tragédias. A *Literatura de Testemunho* que aborda o *Holocausto* e descreve o indizível em detalhes também define a culpa do sobrevivente.

#### 2.4 A escrita feminina compõe o *corpus*

Na História, o silêncio sempre apareceu como um atributo feminino, parte do suposto mistério constitutivo da mulher e, também, do feminino enquanto ideal. O controle e a distribuição da palavra escrita estavam a cargo dos homens. À vista disso, a história das mulheres sobreviventes da Shoah revela uma narrativa do silêncio e do confinamento mais do que do esquecimento. Portanto, para fazer justiça ao passado, não basta elencar as mulheres que fizeram parte dessa história, como se um mero arquivo pudesse dar sentido à memória, resgatando ou enterrando simbolicamente nossas mulheres mortas, injustiçadas e esquecidas. Libertar a história é falar de homens e mulheres em bases reais e igualitárias. Algumas mulheres, que sobreviveram ao *Holocausto*, embora indecisas entre escrever ou não suas memórias, optaram pela primeira alternativa, e hoje é possível ter acesso ao modo como viveram, pensaram e representaram a realidade da qual fizeram parte. Uma obra literária narrada através da voz feminina e testemunhal traz à cena a possibilidade de uma escrita voltada à inserção de um sujeito mulher e testemunha em um espaço comandado por homens. Sobre a educação feminina, Macadam (2020, p. 65-83) diz:

Os homens com quem ele costumava orar seguiam as antigas instruções do Talmude de que as mulheres deveriam ficar em casa e trabalhar como mães, e o repreendiam por ele querer educar suas filhas. [...] Foi o código judaico contra a educação que forçou Edith e Lea a desistirem de seus sonhos de seguir carreiras profissionais. [...] Podemos imaginá-las entrando obedientemente no prédio. [...] Existe um olhar que os homens dão quando não querem ser incomodados por uma mulher, um olhar tão desdenhoso que ela se sente ao mesmo tempo desconsiderada e invisível. [...] Quem responde às perguntas de garotas?

<sup>2</sup> A citação de Luiz Schwarcz lembra Édipo Rei, a culpa por não poder evitar a morte do pai. E, por coincidência, Láio é o nome do pai de Édipo e do pai de André Schwarcz.

É vital resgatar, em favor do feminino, todas aquelas vozes que fizeram parte dos comboios femininos enviados ao campo de concentração Auschwitz-Birkenau. As vozes das mulheres em discussões verbais já são encobertas pelas vozes masculinas, mas quando se trata de texto escrito, isso parece ser mais ameaçador para a conservação da sociedade patriarcal. Por isso, é necessário apoiar obras literárias de cunho testemunhal escritas por mulheres para fazer uma revisão assertiva da História. Logo, promover a leitura de obras femininas sobre o *Holocausto*, além do trabalho de resgate da Shoah, permite que vidas femininas narrem experiências que nunca foram enfocadas. Em paralelo, as ideias a respeito do corpo são fundamentais para que se compreenda como as mulheres conceituam sua situação na sociedade de forma histórica: ora descritas como a bondade celestial e em outros momentos como a depravação demoníaca. Conforme Macadam (2020, p. 84),

com mais de cem meninas agora no prédio, elas foram instruídas a tirar as roupas para que um médico pudesse fazer um exame físico. As meninas congelaram com essa ordem. Nenhuma delas jamais havia se despido na frente de um homem. As autoridades pareciam encantadas com o terror absoluto nos olhos das meninas.

A vida dessas mulheres foi marcada pela vergonha e, muitas vezes, pela culpa de guardar segredo do crime praticado. Todavia, por meio da *Literatura de Testemunho*, encontraram sentido e estabilidade emocional em suas vidas, depois que a memória recalçada do trauma – antes indizível – fora libertada do porão do esquecimento. É nas obras que estão todas as palavras que não puderam ser ditas, as cenas que não puderam ser lembradas, as lágrimas que não puderam ser vertidas, bem como os traumas e as perdas experienciados. Nesse viés, narrar o genocídio tornou-se um encontro com o passado a fim de mover-se para o futuro. O testemunho descreve como essas mulheres enlutadas trabalharam suas vivências de forma dupla, olhando para dentro de si com o intuito de ir ao encontro do outro e do mundo. Essas obras literárias falam de um silêncio cruzado, ou seja, assuntos que os homens não tratam e que as mulheres não ousam contar, denunciar, falar sobre. Portanto, para testemunhar é preciso superar a vergonha e entender que o crime foi cometido pelo outro.

Uma das *Kapos* se aproximou, agarrou as orelhas de Edith e arrancou os brincos, rasgando-lhe a carne. Sangue escorreu por seu pescoço. [...] E então o pesadelo começou [...] Para jovens virgens criadas em lares judeus conservadores ou ortodoxos, ficar nua na frente de outras mulheres era chocante [...] na frente de homens - pela segunda vez naquela semana [...] Ficaria ainda pior, [...] As primeiras duzentas meninas agora eram submetidas a exames ginecológicos grosseiros, conduzidos com a sensibilidade de um açougueiro estripando uma galinha. Bertha Berkowitz, de dezesseis anos, foi a número 48. Quando ela fala desse momento, é com um encolher de ombros triste - nada mais é dito. Outras dentre as primeiras evitam mencionar o abuso. 'Eu nunca falei sobre isso porque ficava muito

envergonhada’, confidencia Joan Rosner (nº 1188), mais de cinquenta anos depois. ‘Quando fomos examinadas internamente e a SS colocava a mão em nossas partes íntimas, era como se nos estuprassem.’ Ela fez uma pausa. ‘Sangrava-mos, e eles fizeram isso às cem daquela manhã e às cem que vieram antes [...]’ Como a maioria das mulheres, Joan manteve a experiência em segredo. ‘Eu me sentia muito envergonhada. Agora que sou uma senhora de idade, eu me dou por conta: por que devo me envergonhar? Foram *eles* que fizeram’ (MACADAM, 2020, p. 144).

Ler sobre a Shoah, descrita por mulheres, pode ser uma forma de enxergar outras perspectivas acerca da Segunda Grande Guerra até então mediada pela voz masculina, assim como de reconhecer a legitimidade de outros sujeitos e suas histórias, reparando a ideia de autoridade relacionada ao gênero, à etnia e à classe social. Essas mulheres têm suas próprias histórias de uma guerra que até então se desconhecia. Concentrar nossas leituras somente em testemunhos masculinos sobre o *Holocausto*, além de nos fazer perder a perspectiva de metade da população, nos leva a assumir uma visão masculina do fato histórico, inclusive no que tange às mulheres e ao “feminino”.

### 3 IN ERINNERUNG AN (EM MEMÓRIA DE)<sup>3</sup>

A *Literatura de Testemunho* constitui uma questão relevante no interior das reflexões contemporâneas da Teoria Literária. Conceituada como um gênero narrativo de caráter memorialístico, designa a natureza de obras que tratam de experiências históricas traumáticas. O testemunho, em sua essência, é tido como o

exercício de narrar e elaborar traumas sociais, na prática política, conforme veremos, é uma tentativa de se escovar a história a contrapelo, abrindo espaço para aquilo que normalmente permanece esquecido, recalçado e legado a um segundo (ou último) plano (SELIGMANN, 2013, p. 48).

Sob esse conceito de testemunho, a elaboração teórica apresentada neste estudo remete à aplicabilidade metodológica na abordagem analítica dos dois romances e, assim, permite afirmar que os textos pertencem ao gênero *Literatura de Testemunho*. São, de fato, os relatos testemunhais de vítimas dos horrores nazistas da Segunda Guerra Mundial que expõem os elementos da construção do gênero na forma e no conteúdo, conforme se verifica ao longo da análise desenvolvida neste capítulo.

Entre as características que a *Literatura de Testemunho* possui, encontram-se a narrativa em primeira pessoa; a descrição do trauma feita por pessoas que viveram tal situação com iminente risco de morte; a dor e o trauma descritos pela memória; o compromisso com a veracidade dos fatos narrados; o desejo de justiça; a apresentação de um evento coletivo; a vontade de resistência; a culpa por ter sobrevivido; o abalo da hegemonia do valor ético sobre o valor estético; a impossibilidade de narrar o indizível; a escrita do sobrevivente vinculada à memória daqueles que não sobreviveram (dando voz a todos). É em nome de famílias inteiras, que só conseguiram sair de Auschwitz pelas chaminés, em nome daqueles que viram os seus entes queridos serem executados, sem poder fazer nada, e, ainda, em nome dos demais sobreviventes que este último capítulo se estrutura. Benjamin (2004, p. 108) diz que a memória se move em uma linha de diferenciação entre lembrança voluntária e involuntária, e que sua função consiste em proteger as impressões, uma vez que a memória é conservadora e a lembrança é destrutiva.

Portanto, a análise do testemunho ocorre a partir da escrita retroativa da experiência limite. Olga testemunha suas experiências logo após sair do campo, sua memória retroativa é

---

<sup>3</sup> Para Le Goff (2013, p. 437), o termo memória pode ser mais bem entendido na seguinte frase: “a memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens”.



menor que a de Rena, que só descreve os acontecimentos pós-holocausto 50 anos depois. O período de vida descrito por Olga é entre os anos 30 e 40, basicamente a fase adulta, enquanto Rena descreve sua vida desde a infância até a velhice, incluindo os anos vividos em Auschwitz. Olga escreve de forma clara, minuciosa e madura, como uma mulher mais velha, estudada, casada, esposa e mãe, enquanto Rena se expressa de forma meiga, suave e puritana, fala de forma envergonhada sobre homens e mulheres, como filha, com a experiência dos cuidados e da educação vividos na casa dos pais. O relato de Olga soa como denúncia e busca por justiça, enquanto o de Rena são lembranças que em um determinado tempo da vida precisavam ser documentados. Quem narra traz a escrita do *eu*, um *eu* que escreve, que se lembra, que se analisa e que tenta entender as limitações dessa narrativa, transpassada por uma cisão de experiências limite, permeada por lacunas e/ou por fragmentos. Em ambas as narrativas, a qualidade de detalhes e a semelhança entre a vivência das protagonistas é perceptível, o tempo entre os testemunhos não alterou nem suprimiu dados importantes ao entendimento do que foi a Shoah. A testemunha trabalha a distância entre os acontecimentos e o que lhe é suportável narrar. Rena e Olga falam da Shoah como um evento extremo que transcende a capacidade de explicação, mas que precisa ser narrado. Algo como atravessar a morte através da memória transformada em testemunho escrito. Narrar é a atitude que faz a testemunha se reafirmar como vítima e pedir por justiça.

Por debruçar-se em experiências que já ocorreram, o texto narrativo de cunho testemunhal apresenta os verbos no passado, indicando que tais fatos já aconteceram. Paralelamente, a linguagem dos relatos é adaptada ao público com o qual serão compartilhados. Ambas as obras analisadas são narradas em primeira pessoa. Rena e Olga testemunham de forma sequencial e cronológica suas narrativas pessoais como sobreviventes do *Holocausto* e, conseqüentemente, dão vida a duas obras classificadas como *Literatura de Testemunho*. A natureza desse gênero literário é subjetiva, posto que expressa as experiências vividas pelas protagonistas-narradoras. Ademais, as experiências são escolhidas com base na relevância que possuem, ou seja, há uma seleção criteriosa do que será compartilhado no relato. Nesse contexto, o relato pessoal propõe-se a documentar com veracidade uma seqüência de fatos da realidade de alguém, neste caso, de Rena e Olga. Em síntese, a *Literatura* foca-se na documentação histórica desses sobreviventes. Isso posto, Rena e Olga descrevem o trajeto entre suas cidades e Auschwitz-Birkenau.

### 3.1 Rena, Danka e Olga: início do percurso histórico (primeiras impressões)

Rena Kornreich, uma jovem de origem judaica, vivia com os pais e uma irmã mais nova, Danka, na cidade de Tylicz, na Polônia. Ela descreve seus primeiros anos de vida, bem como os momentos anteriores ao confinamento no campo:

Nasci quando Mama estava na casa dos trinta e tantos anos, e Papa estava nos quarenta e tantos. Era 1920, nossa família era dividida entre os dois filhos nascidos durante a juventude deles e os dois filhos de seus últimos anos. [...] Danka, a bebê, que nasceu quando eu tinha apenas dois anos de idade. [...] Eu estava prestes a completar dezessete anos e estava começando a pensar em um futuro (GELISSEN; MACADAM, 2015, p. 32-44).

Com o início da Segunda Guerra, a Polônia foi tomada pelos nazistas, e todos os judeus passaram a viver sob regras estritas. Não podiam mais comprar e vender coisas livremente, gentios não podiam mais prestar serviços a judeus – somente o contrário. Também, tinham de usar uma faixa amarrada ao braço, com uma Estrela de Davi, deixando visível a todos que eram judeus.

Apenas uma família tinha rádio em Tylicz. À tarde, eles abriam a janela e todos se reuniam do lado de fora para ouvir as notícias do mundo e os discursos estranhos e fervorosos de Hitler ameaçando os poloneses, os judeus e qualquer um que não fosse ariano. Era 1938, e Mama e Papa estavam preocupados com a anexação súbita da Eslováquia à Alemanha; ambos tinham irmãos que viviam do outro lado da fronteira, em Bardejov. [...] Depois, Alemanha e Rússia fizeram um pacto, e toda a Polônia tremeu de medo. Tínhamos sido divididos por vezes demais para não levarmos a ameaça de Stalin e Hitler a sério, ... [...] Então, em 1º de setembro de 1939, a Alemanha invadiu a Polônia, e não existiu mais inocência em nossas vidas (GELISSEN; MACADAM, 2015, p. 45-46).

Em síntese, as primeiras restrições impostas foram: o cumprimento das Leis de Nuremberg, o uso de braçadeiras em tempo integral com a Estrela de Davi bordada em azul, a proibição de negócios com gentios e o impedimento da travessia da fronteira com a Eslováquia. Em caso de descumprimento, a punição seria a morte.

Danka e eu, junto a outros moços e moças judeus, fomos designados para limpar os quartéis, polir sapatos, esfregar o chão e qualquer outra coisa que os alemães nos ordenassem a fazer. [...] por causa da anexação da Eslováquia pela Alemanha, os judeus eslovacos estavam sendo tratados com muito menos rigor do que os judeus poloneses. Eles ainda tinham autorização para trabalhar e ganhar dinheiro; não estavam sendo forçados a usar estrela e, [...] podiam ser tratados por médicos (GELISSEN; MACADAM, 2015, p. 47-48).

Com a chegada da polícia nazista, iniciaram também as perseguições contra as moças. Rena foi procurada por alguns desses soldados, mas a família conseguiu escondê-la a tempo de não sofrer nenhum abuso. A partir daquele momento, os pais entenderam que não era mais seguro que Rena permanecesse na cidade, por isso a enviaram para a Eslováquia, país em que ainda não havia perseguição aos judeus.

Escondam Rena, depressa! Há um soldado alemão procurando por ela. [...] - Papa, fique de vigia enquanto escondo Rena - disse Mama. [...] Deitei-me e ela me cobriu com palha. [...] - Onde está Rena? Tragam-me Rena! - Ela não está em casa. [...] Está visitando a família em outra cidade. [...] - Então ela não está escondida sob essa pilha... mas talvez aqui? - E espetou a palha repetidas vezes, [...] Eu não me mexi. [...] Aquela noite mudou tudo. Para mim havia se tornado perigoso viver em Tylicz (GELISSEN; MACADAM, 2015, p. 57-60).

Rena fugiu durante a noite com a ajuda de pessoas que trabalhavam para a Resistência (grupo contrário à ocupação nazista alemã) e conseguiu atravessar a fronteira da Polônia para Eslováquia. Em Bardejov, refugiou-se na casa de Jacob, seu tio. Acolhida, tentava ter uma vida aparentemente normal, visto que participava de eventos sociais, comprava roupas e fazia algumas amizades.

Tive que me esconder na casa dos Schützer até que eu pudesse falar eslovaco fluentemente. Depois, eles tiveram que cortar minhas longas tranças para que eu me assemelhasse mais a uma garota da cidade. Parecia que eu tinha de abrir mão de tudo da minha amada pátria e, sempre que tentava contar à tia Regina e ao tio Jacob sobre os horrores que os judeus estavam sofrendo na Polônia, eles achavam que eu estava exagerando. Não acreditavam em mim! [...] ninguém na Eslováquia parecia entender a gravidade da nossa situação (GELISSEN; MACADAM, 2015, p. 65).

No entanto, Rena, preocupada com seus familiares que permaneceram na Polônia, além de enviar-lhes comida e dinheiro, planejava retornar. Nesse ímpeto, voltou uma vez para tentar viver com os pais, mas a situação era realmente desesperadora, por isso acabou regressando para a Eslováquia. A partir daí, nunca mais os viu.

Foi aprovada a lei que expulsava todos os judeus das cidades que estavam em um raio de trinta quilômetros da fronteira polonesa. Só fomos autorizados a levar conosco um pedaço de pão e uma muda de roupa por pessoa, e tivemos de deixar todos os nossos pertences, nossa casa e nossa terra. [...] Uma noite, tínhamos apenas uma colherada de sobra de batata no prato. [...] várias moças judias tinham sido estupradas por soldados alemães [...] Tarde da noite, Danka e eu escutamos as vozes abafadas de Mama e Papa enquanto eles discutiam o nosso destino. [...] - Tio Jacob não pode acolher vocês duas, por isso devem ir para casa de sua irmã Zosia, em Bratislava. As coisas ainda são boas na Eslováquia. [...] Danka e eu abraçamos Mama com força [...] partimos para a Eslováquia, deixando nossos pais para trás. [...] - Adeus, Papa! - Adeus, Mama! (GELISSEN; MACADAM, 2015, p. 75-79).

Eis que a aparente segurança eslovaca acabou justamente com a chamada para compor o primeiro transporte feminino rumo ao campo. Com a promessa de trabalho e pesando o risco que estava impondo às pessoas que estavam lhe abrigando, Rena resolveu entregar-se para o Exército alemão por vontade própria. Embarcou, naquele instante, junto com as outras moças, num grupo de novecentas e noventa e nove, rumo à Auschwitz. Relata Rena:

Quero estar na minha melhor aparência, mesmo que esteja indo para um campo de trabalho, e esta é a minha roupa mais bonita. [...] Eu estava sozinha naquele país que não era meu, meus pais estavam sozinhos no país que era meu, e estávamos a mundos de distância. [...] A Sra. Silber foi ao mercado, por isso minha saída vai passar despercebida. Não quero que ela saiba que vou para o quartel do exército, mesmo que ela e seu marido tenham dito que vão me esconder, apesar de todas as consequências. Não posso arriscar a vida deles ou a vida de sua filha mais nova, que tem estado sob minha responsabilidade (GELISSEN; MACADAM, 2015, p. 82-85).

Danka, que não fez parte do primeiro transporte, mas recebeu uma carta enviada por Rena antes do embarque, resolveu ir atrás da irmã. Segundo a carta, Rena estava indo prestar serviços ao Exército alemão. Danka, então, para ficar perto de Rena, seguiu para Auschwitz em um outro comboio. Desembarcou no campo dois dias depois da irmã. A Figura 5 retrata uma fotografia das irmãs Rena e Danka.

Figura 5 - Rena e Danka



Fonte: Reprodução Estante Diagonal.

Por sua vez, Olga Lengyel era médica, casada, mãe e filha. Sua família era judia e morava em Cluj, na Transilvânia; seus pais também moravam com ela. Olga e seu marido, renomado cirurgião chamado Miklos, eram donos do próprio hospital, a Clínica do Dr.

Lengyel. Eles tinham dois filhos, Thomas e Arvad. O casal, embora temesse pela própria vida, passou com certa tranquilidade os dois primeiros anos de deportações da Segunda Guerra. Até que, em 1944, Miklos Lengyel foi chamado na delegacia, e lá ficou detido. Olga foi à sua procura e descobriu que ele seria deportado para a Alemanha. Por conta da escassez de médicos, Olga acreditou que ele iria trabalhar em algum hospital ou clínica. Ao indagar aos policiais se poderia acompanhá-lo, eles disseram que sim, que ela também seria bem acolhida. Naquele momento, jamais imaginou que as supostas atrocidades praticadas pelos alemães seriam verdade. Olga discorre sobre essa sucessão de acontecimentos:

Meu marido, Miklos Lengyel, era diretor de seu próprio hospital, a Clínica do Dr. Lengyel, uma moderna instituição de dois andares e setenta leitos, que havíamos construído em 1937. [...] No inverno de 1939, tivemos uma ideia do que acontecia em terras ocupadas pelos nazistas. Nessa ocasião, demos abrigo a inúmeros refugiados poloneses que haviam fugido de suas casas depois que seus exércitos foram cercados. Escutávamos, nos solidarizávamos com eles e prestávamos ajuda. Não conseguíamos, porém, dar crédito a tudo o que ouvíamos. Aquelas pessoas estavam exaustas e preocupadas, poderiam estar exagerando. [...] Os primeiros anos da guerra foram relativamente calmos para nós, embora ouvíssemos, com pavor, os intermináveis relatos das vitórias dos Reichwehr (conjunto das forças armadas alemãs). Enquanto os alemães devastavam cada vez mais territórios, reduzia-se o número de médicos e, sobretudo, de cirurgiões competentes a serviço da população civil. [...] Até 1943, chegavam-nos notícias aterradoras das atrocidades cometidas nos campos de concentração na Alemanha. Mas, como muitos dos que hoje lêem a respeito, não conseguíamos acreditar em histórias tão horríveis. Ainda víamos a Alemanha como uma nação que dera muita cultura ao mundo. Se aqueles relatos fossem verdadeiros, os atos vergonhosos deviam ser obra de um punhado de loucos; aquela não poderia ser a política nacional, nem fazer parte de um plano visando ao domínio global. Quão pouco compreendíamos! (LENGYEL, 2018, p. 12-13).

Cumprir destacar que, no início do ano de 1944, o marido de Olga foi chamado à delegacia de polícia para um interrogatório. Estava sendo acusado pela SS de boicotar o uso de preparações farmacêuticas alemãs em sua clínica. Mas foi liberado após apresentar uma explicação plausível. No mês de maio do mesmo ano, Miklos foi mais uma vez intimado a comparecer à delegacia de polícia. Mas, dessa vez, não retornou para casa. Olga, preocupada com a demora do marido, foi até a delegacia e lá descobriu que Miklos seria imediatamente deportado para a Alemanha.

Desesperada, busquei mais informações. Tudo o que consegui apurar foi que seria mandado para lá de trem dentro de uma hora. Naquele momento, o que passou pela minha cabeça foi que meu marido era um cirurgião renomado. Havia, sem dúvida, escassez de médicos na Alemanha. Ele seria colocado para trabalhar em algum hospital, ou em uma clínica metropolitana. Perguntei onde, e só obtive como resposta um encolher de ombros (LENGYEL, 2018, p. 14-15).

Olga, naquele mesmo instante, pensou em toda a sua família e perguntou ao guarda da SS se poderia acompanhar seu marido. Afinal, como médica, ajudaria no trabalho e manteria todos reunidos durante o período da guerra. Diante da resposta positiva, fora para casa organizar os pais e os filhos para a viagem.

Enfrentaríamos dificuldades, a vida agradável que tínhamos poderia deixar de existir por alguns anos, mas a separação seria ainda pior. [...] No futuro, bem como no passado, meu lugar era ao lado do meu marido. [...] meus pais decidiram nos acompanhar. E, é claro, não poderíamos deixar as duas crianças para trás. Às pressas, colocamos uma valise alguns objetos de valor e os habituais artigos de viagem, chamamos um taxi e corremos ao encontro do meu marido. Ele estava detido na prisão municipal (LENGYEL, 2018, p. 15).

Rena viajou cerca de cinco dias no vagão de gado, da Eslováquia para a Polônia. Danka também. Já Olga viajou sete dias entre a Transilvânia e o campo Auschwitz-Birkenau, mesmo destino das irmãs Rena e Danka. No entanto, Olga desembarcou dois anos depois. Observa-se, na Figura 6, Olga Lengyel:

Figura 6 - Olga



Fonte: Reprodução Planeta de Livros.

Os judeus eram levados aos campos de concentração pela companhia ferroviária alemã, em vagões superlotados usados para transportar gado. Vários ministérios alemães trabalharam de forma organizada para que a reintegração (genocídio) judaica acontecesse de forma organizada, silenciosa e rentável aos cofres públicos. Participaram o Serviço Central de Segurança do Reich, que coordenava e dirigia as deportações, o Ministério dos Transportes, responsável por organizar os planejamentos dos trens, e o Ministério do Exterior, que

negociava com os Estados aliados da Alemanha a transferência dos seus judeus para os campos. Sobre o percurso, as dificuldades e as impressões, Rena e Olga narram suas memórias:

Quando pensamos em uma viagem de trem, imaginamos bancos ou, pelo menos, lugares ou, se a pessoa tem um pouco de dinheiro, talvez uma cabine. É óbvio, porém, que os vagões onde estão nos colocando são para animais - vagões de gado, para ser exata. Onde é que vamos sentar? - As moças em volta de mim expressam sua indignação. - Este não é um trem para pessoas! - Ninguém está escutando, pois há oitenta de nós amontoadas dentro do vagão. É um espaço apenas para ficarmos em pé. [...] O trem começa a se movimentar com um solavanco. [...] Quando o trem para, estamos em outra cidade, e depois em outra: [...] Existe um balde que é para ser o banheiro. [...] São dias ou horas? [...] Nunca houve nenhuma água para beber. [...] não há nada além do som de rodas contra os trilhos, trilhos contra as rodas; [...] Os freios guincham com tanta força que sabemos por instinto que nossa viagem terminou. As portas são empurradas e abertas para uma névoa acinzentada fosca. Piscamos quando a luz faz nossos olhos arderem. A placa diz *Auschwitz* (GELISSEN; MACADAM, 2015, p. 91-97).

Pairava um ar de pesadelo. Nos trilhos, um trem interminável aguardava. Nenhum carro de passageiros e, sim, vagões de gado, cada um abarrotado com candidatos à deportação. [...] Protestar era inútil. Chegara a nossa vez. Os soldados começaram a se aproximar e a nos empurrar. Fomos tangidos como ovelhas e constringidos a entrar num vagão de gado vazio. [...] Então, a única porta se fechou atrás de nós. [...] O trem se pôs a caminho. Noventa e seis pessoas se amontoavam em nosso vagão, [...] Estávamos tão apinhados que a metade não podia se sentar. [...] Instalações sanitárias estavam fora de questão. [...] O trem avançava - rumo ao desconhecido. [...] A viagem era incrivelmente sombria e mórbida [...] A questão da comida era insuportável. Os guardas não tinham nos dado nada e as magras provisões que trazíamos começaram a acabar. [...] E, então, no final do sétimo dia, o vagão da morte parou. Havíamos chegado. Mas onde? Aquilo era uma cidade. E o que fariam conosco? (LENGYEL, 2018, p. 16-21).

Durante os dias de viagem, os vagões superlotados e sem condições fizeram inúmeras vítimas fatais. Fome, sede, doenças contagiosas, infarto e suicídios foram alguns dos fatores.

### **3.2 Mulheres em Auschwitz: da construção do complexo ao genocídio em larga escala**

Num primeiro momento, entre 1940 e 1942, o campo de concentração e extermínio Auschwitz não foi preparado para receber mulheres, não era um campo feminino. Foi construído em um antigo quartel da artilharia do Exército polonês, localizado em um bairro afastado, com a finalidade de aprisionar e eliminar inimigos do governo alemão, com infrações criminais recorrentes, e prisioneiros políticos poloneses. Ou seja, projetado para aprisionar homens, posteriormente utilizados como mão de obra para trabalhos forçados contínuos. Todavia, com a necessidade de expansão, para poder comportar o que seria depois conhecido como a “Solução Final”, isto é, o extermínio total de judeus e outras minorias

consideradas raças impuras – não arianos, Auschwitz recebeu, a partir de 1942, comboios femininos vindos de todas as partes da Europa.

Entre 1942 e 1944, Auschwitz passou a ter à disposição grande oferta de trabalhadores forçados e converteu-se no maior complexo de campos, com três grandes bases e diversos subcampos administrados pelos guardas femininos e masculinos da SS, que contavam com a ajuda de *sonderkommandos*<sup>4</sup>. Rena Kornreich narra o trabalho de expansão do campo para alocar os empreendimentos da SS relacionados à construção e, mais tarde, à produção de armamento e artigos de guerra; até, por fim, tornar-se a fábrica de morte.

Nesse ínterim, sob gritos e agressões físicas, as mulheres desembarcavam dos vagões altos, ainda desorientadas, sem saber o que estaria por vir naquele lugar. Diz Rena:

- Saiam do vagão - ordenam os alemães [...] - Vão depressa! [...] E saltamos, meio mortas, com nossa bagagem, se tivemos alguma. [...] - Como vamos encontrar nossas malas depois? - Penso que sou um ser humano, portanto tenho o direito de perguntar. [...] Coisas demais estão acontecendo. [...] - *Heil, Hitler!* [...] Olho para os metros de arame farpado ao nosso redor. Esta é a realidade (GELISSEN; MACADAM, 2015, p. 97-101).

As primeiras orientações dadas foram sobre formar fila e despir-se de tudo: joias, óculos, roupas, todos os seus pertences. Nusas, foram raspadas da cabeça aos pés, e banhadas em desinfetante. Algumas foram sexualmente violentadas pelas mãos de soldados que buscavam coisas escondidas em suas partes íntimas. Em seguida, receberam uniformes de soldados russos que foram mortos anteriormente. Antes de voltarem ao pátio, passaram por uma pilha de sapatos velhos para ter algo para calçar. Rena narra esse momento:

Em fila! Formem fileiras de cinco! [...] Os prisioneiros nos cutucam com as varas. Os SS apontam suas armas para nós. [...] Há homens ao longo de cercas de arame farpado, em blusas listradas, bonés e calças, observando-nos. Seus olhos não refletem nada. Penso comigo mesma, isso deve ser um manicômio, mas por que eles fazem os doentes mentais trabalharem? Não é justo. [...] Estou em algum lugar no final dessa fila quando pessoas começam a sair do outro lado, sem cabelo na cabeça. [...] - Tire esses brincos [...] - Tire as roupas e as deixe aqui. [...] Nunca estivemos nusas na frente de estranhos antes. [...] Eles raspam nossa cabeça, nossos braços; até mesmo nossos pelos pubianos são descartados tão rápida e cruelmente como o resto de cabelo em nossos corpos. Somos tosquiadas como ovelhas, e então ordenam que voltemos para o tanque de desinfetante. Minha carne arde como fogo. [...] O que mais podem fazer? [...] As alemãs prisioneiras, que obviamente são nossas superiores, atiram uniformes de lã para nós. [...] Apesar do cheiro agridoce de sangue seco e da lã que pinica meus mamilos, com pudor visto a camisa sobre meu peito. [...] Na última sala há uma pilha de placas de madeira com tiras de couro na parte de cima. Era para serem sapatos (GELISSEN; MACADAM, 2015, p. 97-107).

<sup>4</sup> “*Sonderkommandos*”: esse era um trabalho dentro dos campos de concentração, exclusivamente masculino, realizado por prisioneiros judeus escolhidos pelos SS. Consistia em retirar os corpos de dentro das câmaras de gás para os fornos crematórios.



Por fim, foram trancadas em um barracão, com palha e percevejos, mas sem água nem comida. Ali deixadas para que os bichos sugadores se alimentassem do sangue de seus corpos exaustos e debilitados. No meio da madrugada, foram retiradas do local e passaram pela primeira das intermináveis contagens que fizeram parte dos seus dias até o fim da guerra. Receberam uma tigela e, depois de tantos dias, algo para comer e beber. Algo líquido, quiçá café, talvez chá, e um pão menor que a palma, supostamente feito com serragem. Então, esse grupo foi trocado de barracão e tatuado. Cada uma das mulheres tornou-se, naquele momento, um número. Também, de forma rápida, elas entenderam o que deveriam ou não fazer para não sofrerem punições. Conforme narrativa:

Aprisionadas. Estamos quase em cima umas das outras sobre palha ensanguentada. Percevejos saltam, tornando nossos corpos pretos. [...] Não houve água por dias, nem comida, nem uma gota de nada. [...] A porta do Bloco Cinco abre às quatro da manhã [...] Recebemos uma tigela para o nosso chá, mas não há o suficiente para passar para todas [...] Mastigo meu pão, espalhando lentamente a margarina como se eu estivesse em um jantar de verdade. [...] A chamada da segunda manhã vem tão cedo quanto na primeira, da mesma forma rude. [...] Sussurros percorrem a fila. Vão nos tatuar (GELISSEN; MACADAM, 2015, p. 108-121).

Sem comida, sem chuveiros, sem itens de higiene e limpeza, sem água para beber. Sem perguntas. Sobreviver baseava-se em obedecer e contar com a sorte.

Lágrimas começam a escorrer por nossos rostos conforme começamos a assimilar a magnitude do que está acontecendo ao nosso redor. [...] Há tanto que quero pedir a Deus, mas meus lábios estão amortecidos e minha boca está paralisada, aberta em descrença (GELISSEN; MACADAM, 2015, p. 127).

No seu segundo dia de campo, Rena viu um novo grupo de mulheres chegando. De longe, avistou Danka, já sem cabelos, ali estava a sua razão e vontade de viver. Danka se encontrava no campo por acreditar que a irmã estava trabalhando e, portanto, queria ajudá-la. E elas trabalharam, assim como as demais meninas dos primeiros comboios, na construção do complexo de campos Auschwitz. Algumas das atividades consistiam em peneirar areia, cavar solos rochosos, valas e buracos, carregar pedras morro acima. Tudo em busca de um único objetivo: a liberdade. Acreditavam que prestando serviços ao governo alemão, em algum tempo, seriam liberadas. Relata Rena:

Danka! - Seu lindo cabelo castanho-avermelhado se foi, mas não podem tirar seus olhos castanhos de corça, ou tocar seu rosto bonito. [...] Seu rosto me assusta. Não há foco em seus olhos. [...] Você é tudo o que eu tenho, Rena. [...] Emma nos leva

para o trabalho e marchamos para um campo grande e aberto. Sou grata por não haver vagonetes e areia para carregarmos hoje. Minhas costas ainda estão doloridas, embora os machucados de minha perna tenham quase sumido. Há uma grande pilha de tijolos. - Levem isso para o outro lado do campo. Vocês devem levar dez tijolos de cada vez! [...] Pegamos os tijolos um por um, equilibrando-os em nossos braços até que tenhamos uma carga completa. Com braços latejantes, quase arrancados de nossos ombros pelo peso, caminhamos com cuidado para não tropeçarmos. [...] Não podemos deixar cair um tijolo nem o pegar sem deixar cair toda a carga. Emma segue atrás de nós, chicoteando-nos para trabalharmos mais (GELISSEN; MACADAM, 2015, p. 104-139).

Embora o desembarque feminino tenha sido, num primeiro momento, em Auschwitz, sem demora todas as mulheres foram realocadas para Birkenau. No novo campo, as acomodações eram, na verdade, antigos estábulos. Goteiras molhavam quem ficava na parte superior das camas e poças de lama molhavam quem ficava na parte inferior. Não havia instalações sanitárias. De 1942 a 1944, essa situação era a mesma ou ainda pior, como demonstram as citações a seguir:

O chão é de terra. Aqui não há beliches; são prateleiras, tábuas de madeira, de três andares. Teremos que dormir aqui? Onde estão os colchões? Nossas camas se parecem com estábulos de cavalos. Há um cheiro acre de odor humano. Há tapetes como cobertores. [...] Isto é Birkenau (GELISSEN; MACADAM, 2015, p. 160).

Birkenau fez jus ao plano nazista, o qual visava, em primeiro lugar, as mulheres judias, pois eram as únicas capazes de garantir a continuidade da vida judaica. Nesse sentido, há provas suficientes para afirmar que as chances de sobrevivência ao *Holocausto* foram piores para as mulheres judias do que para os homens.

Como vamos sobreviver a este lugar? [...] Birkenau é um despertar cruel. [...] Agora vemos morte todos os dias. [...] Temos um calendário em Birkenau. É a fome. [...] Manhã é fome. Tarde é fome. Noite é fome. [...] Trabalhamos o dia todo e marchamos de volta para os estábulos. [...] Mal sobrevivemos nessas primeiras semanas. A comida é em menor quantidade do que era antes, o que significa que passou de uma casca para meia casca. A sopa é tão rala que não tem sentido esperar no fim da fila para um pedaço de nabo ou de carne, e o chá é praticamente água. A cada manhã que acordamos, pelo menos uma mulher morreu em nosso bloco. Não há exceções. Estamos caindo como moscas. [...] trabalhamos, cavamos, carregamos, peneiramos, empurramos, morremos (GELISSEN; MACADAM, 2015, p. 161-167).

Rena encontrou ainda um outro inconveniente – diante de tantos – em Birkenau: menstruar.

Meu fluxo mensal me acorda. Na confusão de mudar de um campo para outro, nem sequer penso em trazer quadrados de jornal comigo. Não pensei que a latrina em Birkenau seria diferente em nada do banheiro de Auschwitz. Como sou ingênuas; jornal é um luxo que não merecemos mais. [...] Será hoje o dia em que não vou

encontrar nada para conter o fluxo, e os SS vão decidir me espancar até a morte por ser impura? Será hoje o dia que o retalho que eu encontrar vai me dar infecção? Odeio o cheiro. Odeio não poder tomar um banho. A pia em Auschwitz era um alívio, mas em Birkenau não há pia alguma, apenas torneiras. [...] sempre parece que algo foi deixado em minha carne. Preocupo-me se o cheiro de sangue vai atrair os cães até mim (GELISSEN; MACADAM, 2015, p. 168-169).

A partir de 1943, as seleções que até então aconteciam de forma esporádica, aumentaram consideravelmente. Os judeus, anteriormente, eram mortos em câmaras de gás improvisadas. Depois, duas pequenas casas, um pouco mais distantes do campo, foram adaptadas para os “banhos”, ou seja, para matar grupos de judeus asfixiados com Zyklon B; elas eram chamadas de “casinha branca” e “casinha vermelha”. Assim, os nazistas passaram a utilizar as chamadas “casas de banho”, novos locais de extermínio por gás. E, na sequência, os corpos que antes eram queimados a céu aberto ou enterrados em grandes valas, passaram a ser levados aos crematórios. Nesse mesmo ano, desembarcou em Auschwitz-Birkenau o médico alemão nazista Josef Mengele, que além de selecionar judeus para viver ou morrer, foi responsável por inúmeros experimentos, classificados como científicos, com seres humanos. Rena discorre sobre esses pontos:

Você ouviu? - uma moça sussurra ao meu lado. - Vai haver uma grande seleção. Eles vão limpar o campo - outra voz ecoa a informação. - Há muitas de nós. [...] Nunca vimos o campo assim tão cheio. ‘Há muitas de nós.’ [...] Os SS andam de um lado para o outro entre nossas fileiras, contando a equipe da noite, anotando aquelas que entraram em colapso e morreram durante o dia. Um alvoroço desce entre as colunas de mulheres. Doutor Mengele chegou ao campo. Sabemos quem ele é; há rumores sobre ele. Ele está diante de nós, o glorioso anjo da danação. É difícil acreditar que alguém tão bonito possa fazer as coisas que dizem que ele faz. [...] - Lembra-se daquele grupo de trabalho especial que eles selecionaram na semana passada? [...] - Ouvi de alguém na enfermaria que é para esterilização e tratamentos de choque. Ele pegou metade das moças e colocou placas quentes sobre a barriga delas para disparar choques elétricos até elas desmaiarem. Quando as mulheres recuperaram a consciência, eles fizeram de novo sem parar até elas morrerem. [...] - O resto ele abriu com a faca para retirar os órgãos femininos. Algumas estão morrendo de infecção agora. As sortudas já estão mortas (GELISSEN; MACADAM, 2015, p. 265-279).

Rena também relata as lembranças do tempo de trabalho na lavanderia, e fala de um local destinado à secagem das roupas com o nome Trockenplatz. Ainda, comenta sobre uma das guardas femininas da SS, Irma Grese:

Ao longo da manhã, a guarda Grese toma banho de sol e então, abruptamente, ela se veste, dobra a manta e desaparece pela estrada. [...] Grese vem com frequência à Trockenplatz e sempre me pede para passar loção em suas costas, enquanto ignora Danka e Dina. [...] - Sabe o que vai acontecer quando a guerra terminar e nós tivermos conquistado o mundo? [...] - Todos vocês judeus vão ser enviados a Madagascar. [...] - Vocês vão ser escravos pelo resto da vida. Vão trabalhar em

fábricas durante todo o dia e serão esterilizados para que nunca possam ter filhos. [...] Penduro uma camisa, aliso os amarrotados do algodão, tentando muito não pensar em Madagascar, enquanto observo o corpo bonito da guarda Grese se bronzear (GELISSEN; MACADAM, 2015, p. 330-333).

Em 1944, quando Rena e Danka já contavam dois anos de campo e de adversidades, Olga Lengyel desembarcou em Auschwitz. Entre 1942 e 1944, Olga vivera com a família e trabalhara como médica em um hospital na Transilvânia. Ela acreditava que nada poderia ser pior do que os momentos vividos dentro do trem, o desembarque seria um alívio. Também, jamais se imaginou reduzida à mesma condição deplorável dos seres que vira ao desembarcar em Auschwitz. No entanto, sem as bagagens e açoitados, os recém-chegados seguiram em fila indiana para passar pelo mesmo processo já visto tantas vezes pelas sobreviventes do primeiro comboio. Despida, Lengyel sofreu as primeiras humilhações. E as relata, bem como suas impressões acerca do campo, da seguinte forma:

Com dificuldade, esgueirei-me pela massa compacta de seres humanos até chegar à pequena janela. Por ali, assisti a um estranho espetáculo. Do lado de fora, havia uma verdadeira floresta de arame farpado, iluminada a intervalos por poderosos holofotes. [...] Onde estávamos, e que destino nos aguardava? [...] Assim que saímos dos vagões de gado, minha mãe e meus filhos e eu fomos separados do meu pai e do meu marido. [...] Começaram a escolher, mandando alguns para a direita e outros para a esquerda. Era a primeira ‘seleção’, durante a qual, como não poderíamos sonhar que fosse verdade, eram determinadas as primeiras pessoas sacrificadas que seguiriam para os crematórios. [...] Era início de maio e um vento frio nos trouxe um odor peculiar, adocicado, muito parecido com carne queimada, embora não a tenhamos identificado dessa maneira. Aquele cheiro nos saudou quando chegamos e ficou conosco para sempre. [...] Dentro do espaço imenso, havia muitos campos, cada um designado por uma letra. Os campos eram separados por barrancos de 90 centímetros. Em cima dos barrancos, estendiam-se 3 cercas de arame farpado, carregadas com correntes elétricas (LENGYEL, 2018, p. 23-27).

As instalações do campo principal e dos anexos já estavam prontas em 1944, e os trabalhos destinados aos judeus eram outros – mas todos em regime de escravidão. Prisioneiros trabalhavam nas fábricas de guerra, alguns eram destinados à produção de armamentos, outros tantos eram cobaias de fábricas de medicamentos, além dos que plantavam e criavam animais para o consumo do Terceiro Reich. As mulheres que trabalhavam na cozinha, descarregavam caminhões de madeira, carvão e batatas. Carregavam panelas grandes com caldo fervente, café ou sopa, em alguns acidentes, acabavam mortas. O genocídio vivido pelas mulheres possui traços únicos, situações limite inapropriadas para corpos pequenos e frágeis. O campo feminino era infinitamente mais mortal que o masculino. E Olga relata seus primeiros pensamentos acerca das mulheres que viu em sua chegada ao campo:

O arame farpado em volta dessas estruturas nos remeteu a gaiolas. Encerradas nessas gaiolas, havia mulheres vestidas em andrajos indescritíveis, com cabeças tosquiadas e pés descalços. Em todas as línguas da Europa, imploravam por um pedaço de pão ou um xale para cobrir sua nudez. [...] Não conseguíamos acreditar no que estávamos vendo. Quem eram aquelas mulheres? Que crimes cometeram? Onde estávamos? [...] ‘Com certeza’, disse para mim mesma, ‘essas mulheres são anormais e por isso estão isoladas.’ Eu ainda era incapaz de conceber que mulheres com mente sadia e inocentes de qualquer crime pudessem ser tão humilhadas e degradadas (LENGYEL, 2018, p. 27-28).

Olga foi despida, tosquiada e passou por exame ginecológico. Recebeu trapos para vestir, da mesma forma que tantas outras mulheres que a antecederam. Experiências inesquecíveis, contadas em detalhes que impressionam aos leitores. Conforme o trecho a seguir:

Quando começamos a nos despir, fomos invadidas por estranhas sensações. [...] Batiam em nossos corpos nus com os cassetetes, [...] Alinhei-me na minha fileira, completamente nua, a vergonha engolida pelo terror. [...] Fomos então obrigadas a nos submeter a um minucioso exame à maneira nazista, oral, retal e vaginal - outra experiência medonha. [...] com homens e mulheres armados com tesouras e tosquiadoras. Teríamos nossos cabelos cortados e a cabeça raspada. Os cabelos eram juntados em grandes sacos, para serem utilizados depois. O cabelo humano era uma das preciosas matérias-primas necessárias à indústria alemã. [...] Ali recebemos nossos trajes de prisioneiras. Não consigo pensar em nenhum nome que se adeque aos bizarros trapos que nos foram entregues como roupa de baixo. [...] Para completar o estilo, os alemães pintaram uma seta com tinta vermelha, de 5 centímetros de largura e 50 centímetros de comprimento, atrás de cada peça de roupa. Éramos marcadas como párias (LENGYEL, 2018, p. 29-32).

Embora tenha desembarcado apenas em 1944, Olga também fala de forma específica sobre a fábrica de morte Auschwitz-Birkenau. Afinal, Lengyel chegou no campo no exato momento que a ordem era exterminar a maior quantidade possível de judeus chegados. Noventa por cento das pessoas que desembarcavam iam direto para o gás. As câmaras e os crematórios funcionavam 24 horas por dia, sem parar. Segundo Olga,

grandes chamas saíam pela chaminé e o estranho, enjoativo e adocicado odor que nos recebeu na chegada, invadiu-nos com uma intensidade ainda maior. Toras de madeira estavam empilhadas ao longo dos muros por cerca de 100 metros. Perguntamos a uma das guias, uma antiga prisioneira, o que era aquele prédio. “É uma padaria do campo”, disse ela. Aceitamos aquela resposta sem suspeitar. Se nos tivesse revelado a verdade, simplesmente não acreditaríamos. A ‘padaria’ que exalava o cheiro adocicado e enjoativo era o crematório, para onde crianças, velhos e doentes eram mandados, e para o qual, em última análise, estávamos todos condenados. [...] É preciso explicar que havia diferenças entre Birkenau e Auschwitz, nomes infames e uma mancha na história da humanidade. A ferrovia separava um campo do outro. Quando os selecionadores separavam os deportados na plataforma da estação para ‘direita’ ou ‘esquerda’, mandavam-nos para Birkenau ou Auschwitz. Auschwitz era um campo de escravos. Por pior que fosse a vida lá, era

melhor que em Birkenau. Porque Birkenau era, sem dúvida, um campo de extermínio, e isso nunca foi mencionado em relatórios. Fazia parte da colossal culpa dos governantes alemães e raramente era citado; nem sua existência era sequer admitida, até que as tropas aliadas de libertação expuseram o segredo do mundo (LENGYEL, 2018, p. 33-35).

A morte tornou-se uma constante na vida das mulheres, assim como a dor da fome. Essas mulheres, expostas à dor, à humilhação, à fome, às doenças e aos abusos, sobreviveram. A batalha do físico contrapondo o psicológico teve como base sólida a constante presença dos familiares “vivos” na memória, nos sentimentos, nos valores, nos sonhos e nas lembranças. Em contrapartida, as seleções feitas por Irma Grese, memoradas por Olga, como consta no trecho a seguir, fazem parte de um outro grupo de lembranças:

Porque aquela moça de 22 anos era totalmente desprovida de piedade. Com mão firme, escolhia suas vítimas entre as saudáveis, e também entre as doentes, as frágeis, e as incapacitadas. [...] Durante as ‘seleções’, o ‘anjo Loiro de Belsen’, como seria mais tarde chamada pela imprensa, usava o chicote com liberdade. Golpeava onde desejasse, nós resistíamos como podíamos. Nossos gritos de dor e os jorros de sangue faziam-na sorrir. [...] Num dia de junho de 1944, 315 mulheres ‘selecionadas’ foram empurradas para dentro de um lavatório. No grande salão, as desafortunadas já haviam sido chutadas e chicoteadas. Antes de serem mandadas para as câmaras de gás, deviam ser passadas em revista pelo dr. Klein. Mas ele as fazia esperar três dias. Durante esse tempo, as condenadas ficavam amontoadas no chão de concreto, sem comer, sem beber, sem usar as latrinas. Eram seres humanos, mas quem se importava? (LENGYEL, 2018, p. 108-109).

Os terrores eram novos a cada dia, e as condições cada vez mais precárias e desumanas. Os judeus eram alimentados com pedaços de pães velhos e água suja. O trabalho era árduo e nunca acabava. Nessa terrível realidade, Rena, Danka e Olga sobreviveram. Após anos sendo humilhadas, exercendo trabalho escravo, infestadas de pragas pelo corpo, depiladas e com os cabelos raspados, como se fossem animais, “dormindo” amontoadas na mesma “cama”. Isso sem falar nos dias de seleção, quando ficavam o dia inteiro em pé, sem alimentação alguma, esperando um dedo que apontava ou para a vida ou para a morte.

### **3.3 A luta pela sobrevivência e o sentimento de culpa**

Em uma prisão onde o único crime dos condenados foi ter nascido judeu, a luta baseava-se na sobrevivência. Diante disso, Rena e Olga usaram os recursos “disponíveis” no campo para sobreviver. Trocar ração (pão) por remédios, por pequenos acessórios, como lenços para proteger a cabeça e cordas para amarrar as calças, ou por um lugar na fila de um trabalho menos pesado eram os principais escambos. Optar pela morte de recém-nascidos,

para que pudessem salvar a vida das mães, também fez parte dessa luta. No entanto, salvar a própria vida, independentemente da forma, provocava a culpa pela morte de outro ser humano.

Rena agarrou-se à promessa que fez à mãe no momento da despedida, de que levaria sua “irmãzinha” de volta para casa. Todas as vezes que conseguiu driblar a morte, mandou alguma outra mulher em seu lugar. Em determinada ocasião, selecionada por Mengele para fazer parte de um grupo de mulheres que serviriam de matéria-prima para seus experimentos, conseguiu voltar ao barracão em troca de pão. A responsável colocara outra moça em seu lugar. Sentindo-se culpada por aprender a sobreviver em Auschwitz, Rena preferiu calar-se e apenas agradecer por mais um dia de vida:

Há uma pressão que grita para sair de meus olhos. Não choro. É preciso tempo para chorar, e não há tempo. Luto para encontrar minha razão, mas não há razão neste lugar. O que eles fizeram quando descobriram que faltavam três números no grupo de experimento? A mulher que levou a prima ou a irmã da fila simplesmente colocou alguém no lugar? Por que não procuraram por nós? Eles tinham nossos números numa lista. Por que estamos vivas e as outras moças com quem fomos selecionadas não estão? Alguma vez vai existir um momento em que poderemos agradecer a Deus por estarmos vivas hoje, antes de termos de pedir o mesmo privilégio amanhã, e no dia seguinte? A vida é um privilégio ou uma maldição? (GELISSEN; MACADAM, 2015, p. 279).

Olga, além da culpa que carregou por ter sobrevivido, apesar da morte de seus filhos, seus pais e seu marido, também levou na memória todas as vidas que abreviou em razão de outras. Depois de algum tempo, sabendo que as prisioneiras puérperas iam para as câmaras de gás com seus bebês, Olga e outras médicas judias resolveram fazer os partos, de forma escondida, e matar os recém-nascidos, antes mesmo do primeiro choro, para não alertar os SS. Poupano, assim, a vida das mulheres. E ela narra a seguinte situação:

Assim que um bebê nascia na enfermaria, mãe e filho eram mandados para a câmara de gás. [...] Só quando a sobrevivência do bebê não fosse provável, ou ele fosse natimorto, a mãe era poupada e recebia permissão para retornar ao barracão. Nossa conclusão foi simples: os alemães não queriam os recém-nascidos vivos. [...] Um dia, decidimos que tínhamos sido fracas por tempo demais. Precisávamos, ao menos, salvar as mães. Para levar a cabo nosso plano, tínhamos que fazer os bebês passarem por natimortos. [...] Quando as dores do parto começavam à noite, nos arriscávamos a levá-la para a enfermaria, porque, ao menos no escuro, podíamos trabalhar e passar praticamente despercebidas. [...] Infelizmente, o destino do bebê era sempre o mesmo. Depois de tomarmos todas as precauções, tampávamos as narinas do pequenino e, quando ele abria a boca para respirar, dávamos-lhe uma dose da substância letal. [...] E, assim, os alemães conseguiram nos transformar em assassinas. Até hoje, a imagem daqueles bebês mortos me assombra. [...] Tento em vão aplacar minha consciência. Ainda vejo as crianças saindo de dentro de suas mães. Posso sentir seus corpinhos quentes, enquanto os segurava (LENGYEL, 2018, p. 117-118).

A luta pela sobrevivência tem alguns pontos que vão além dos atos praticados pelos judeus que sobreviveram dentro do campo. Um dos fatos é o de que, por alguma razão, os alemães nunca passaram do número 200 mil em seus prisioneiros. Os números tatuados em judeus mortos eram reutilizados. Cada baixa possuía o número anotado pelos SS, esses números eram repassados aos recém-chegados. Isto é, deixava-se de existir até mesmo como mais número que um dia fez parte da história do *Holocausto*. Outro fato a destacar é o de que os prisioneiros no campo eram principalmente gentios ao invés de judeus, porque esses eram mandados para as câmaras de gás logo na chegada. E, ainda, o fato de que muitos religiosos fizeram parte dos comboios e, ao desembarcarem no campo, foram submetidos a situações diferentes dos demais prisioneiros. Conforme lembra Olga:

Os eventos que descrevi foram impostos a católicos, protestantes e ortodoxos gregos - a todos que, como os judeus, eram, por uma razão ou outra, considerados dispensáveis pelos captores alemães. Birkenau tinha muitas freiras e padres, principalmente poloneses. [...] Os alemães consideravam todos os clérigos desnecessários, e lhes atribuíam as tarefas mais árduas. As torturas e humilhações a que os padres eram submetidos foram as mais horripilantes que de qualquer outra pessoa que eu tenha visto. Os clérigos eram usados em diversas experiências, incluindo a castração. Para surpresa dos funcionários internos, os padres não recebiam ordens de serem tatuados (LENGYEL, 2018, p. 125).

Ciganos também fizeram parte dos prisioneiros de Auschwitz e, igualmente, lutaram para sobreviver. Segundo o relato de Olga,

o médico-chefe alemão reuniu todos os médicos internos do campo e os obrigou a assinar um documento declarando que graves epidemias de tifo, escarlatina, e outras doenças haviam se espalhado pelo campo. [...] Poucas horas depois, os caminhões chegaram. A partida dos ciganos foi marcada por vários incidentes. Suspeitando o que lhes iria acontecer, alguns tentaram se esconder no telhado, nos banheiros e nas valas. Foram resgatados um a um. [...] Mais tarde, naquela noite, as longas chamas vermelhas emergiam das chaminés do crematório. Que crime os ciganos haviam cometido? Eram uma minoria, e isso era o suficiente para condená-los à morte (LENGYEL, 2018, p. 129-130).

No início de 1945, o Terceiro Reich já estava na iminência de ser derrotado militarmente. Com o avanço das tropas Soviéticas, os SS alemães resolveram acabar com as provas existentes no campo; pilhas de documentos foram queimadas, no intuito de apagar nomes, datas e experimentos. A ideia inicial do governo alemão era incendiar o campo com todos os prisioneiros ainda vivos dentro, acabando não só com documentos, mas com pessoas, para apagar de uma vez por todas a memória do *Holocausto*. Contudo, os nazistas não tiveram tempo nem para atear fogo nem para deslocar todos os prisioneiros do campo e esconder o



horror por eles criado. Por isso, o que aconteceu foi o abandono de prisioneiros mais debilitados, deixados no campo para morrer, enquanto os que ainda conseguiam caminhar foram retirados do campo e obrigados a marchar para o oeste, na direção contrária das tropas de libertação, na denominada marcha da morte.

A pé, sem proteção e em meio ao terrível frio invernal, ou em vagões de trem abertos, o número de pessoas que morriam de exaustão e exposição ao frio aumentou dramaticamente. Maltratados pelos guardas da SS, que seguiam as ordens dos seus superiores, muitos prisioneiros tiveram seus destinos selados com a morte porque não conseguiam manter o ritmo da marcha. Além da chacina nos campos e nas marchas, milhares de prisioneiros morreram de frio, inanição e exaustão.

Figura 7 - Prisioneiras do campo feminino



Fonte: Reprodução *Made for minds*.

Rena, Danka e Olga passaram pelas adversidades do campo de Auschwitz, resistindo à fome, à sede, aos trabalhos forçados e às doenças. Sobreviveram. Mesmo debilitadas, participaram da marcha da morte e, por continuarem vivas, contrariaram o plano nazista de exterminar por completo os judeus. As marchas foram longas, tardavam dias para ir de um campo a outro. Em temperatura negativa e neve até os joelhos, com fome e sede, as sobreviventes iam deixando pelo caminho um rastro de sangue e corpos. Durante a caminhada, elas podiam ouvir disparos de armas pesadas, explosões e viam foguetes iluminando os céus.

### 3.4 Depois de Auschwitz: a memória produz o testemunho

Após a libertação do campo Auschwitz-Birkenau, os sobreviventes foram levados aos acampamentos de recuperação montados pelo Exército dos Aliados. Muitos sobreviventes temiam retornar a seus antigos lares por causa do antissemitismo que ainda existia. Aqueles que haviam voltado para suas casas temiam por suas vidas. Com poucas opções de emigração, dezenas de milhares de sobreviventes do *Holocausto*, então desabrigados, migraram para outros territórios e foram acomodados em centros para refugiados ou campos para deslocados de guerra. Alguns dos sobreviventes emigraram para o Canadá, Austrália, Nova Zelândia, Europa Ocidental, México, América do Sul e África do Sul, entre outros destinos. Conforme Seligmann (2003, p. 128-129),

como pode então, o sobrevivente retomar a vida no mundo, ressignificá-la, retomar os vínculos e os laços que alicerçam uma vida cotidiana em um mundo que se tornou, repentina e inexplicavelmente, do ponto de vista subjetivo, inteiramente *estranhado* e incompreensível? Do ponto de vista da memória e da identidade pessoal, conforme Elie Wiesel, Auschwitz de fato “constituirá para sempre o mais desnorteante dos mistérios”. Uma visita ao atual museu localizado no que foi o campo de extermínio Auschwitz-Birkenau, na Polônia [...] revela a intolerável proximidade física dos campos com a vida cotidiana polonesa [...] Onde estava a fronteira entre o genocídio, câmaras de gás matando até 24 mil pessoas por dia, depois cremadas em fornos crematórios, e, de outra parte, as tramas do cotidiano, pessoas trabalhando, passeando, vivendo em suas casas? Esta fronteira nunca existiu; a vida normal (de um mundo em guerra) continuava fora do campo, enquanto dentro do campo o genocídio era operado sob uma terrível aparência de ‘normalidade’.

A seu turno, Levi (2016) diz que a ofensa é insanável e se arrasta no tempo:

Quem foi torturado, permanece torturado. [...] Quem sofreu o tormento não poderá mais ambientar-se no mundo, a miséria do aniquilamento jamais se extingue. A confiança na humanidade, já abalada pelo primeiro tapa no rosto, demolida posteriormente pela tortura, não se readquire mais (LEVI, 2016, p. 18).

Testemunhar o que foi o *Holocausto*, lembrar e transcrever os momentos vividos dentro do campo, refaz o percurso da Segunda Guerra Mundial a partir da visão daqueles que foram oprimidos. Através da *Literatura de Testemunho*, Rena e Olga narram esses fatos marcantes de suas vidas. Com tempo e espaços bem definidos, contam, em forma de obra literária de cunho testemunhal e memorialístico, a Shoah do início ao fim. Além de narrativo, o relato pessoal descreve o local, as personagens e os objetos, nos mínimos detalhes. Rena, que após a libertação recebeu ajuda das tropas americanas, foi, juntamente com Danká e mais

algumas moças sobreviventes, encaminhada a uma casa de civis para que pudesse comer, beber e tomar banho, depois foi transferida para um hospital e, em seguida, para um campo de refugiados, isso tudo na Holanda. Algumas semanas depois, sem casa, sem família e sem país, receberam emprego e por algum tempo continuaram onde estavam. Dois anos depois da guerra, Rena casou-se com o comandante da Equipe de Socorro Número Dez, que a amparou nesses dois anos de recomeço. Com John, Rena refez sua vida na Carolina do Norte, Estados Unidos. Tiveram quatro filhos e três netos. Mas esses ficaram sabendo de toda a sua história, como sobrevivente de um campo de concentração e extermínio nazista localizado na Polônia, denominado Auschwitz-Birkenau, somente 50 anos depois.

Lágrimas escorrem pelo rosto de Rena. [...] Sua voz falha quando ela finalmente sussurra: - Ninguém nunca ouviu a história toda antes. [...] Eu tinha esperanças de que eu contaria e de que nunca teria que me lembrar disso de novo. [...] Talvez compartilhá-la com os outros vai torná-la menos dolorosa? [...] Quantas de nós sobrevivemos? [...] Somos todos seres humanos. Rimos. Choramos. Amamos. [...] Encontrei um bom marido e tenho uma vida boa [...] Todos os anos, em 2 de maio, John me dá cravos brancos e vermelhos, para celebrar o aniversário da nossa libertação (GELISSEN; MACADAM, 2015, p. 387-392).

Em 1948, Danka casou-se com Eli Brandel, na Holanda. Anos depois, o casal partiu para os Estados Unidos, lá tiveram dois filhos e cinco netos. Rena Kornreich Gelissen faleceu em 8 de agosto de 2006 e Danka, em 21 de novembro de 2012, aos 90 anos de idade.

O testemunho de Olga foi escrito logo após sua libertação, em 1945. Durante a marcha da morte, Olga e algumas outras mulheres fugiram dos SS e conseguiram se esconder em um celeiro, depois em um estábulo e, por fim, em uma casinha abandonada. Escondidas, elas viram o Esquadrão de Proteção nazista fugir em debandada enquanto as tropas russas tomavam a aldeia. Foi o momento da libertação. Olga fez uso das memórias e narrou o acontecimento:

Quando olho para trás, quero esquecer. Anseio pelo sol, pela paz, pela felicidade. Mas não é fácil apagar as memórias da Guerra quando as raízes da vida foram arrancadas e não se tem mais por que viver. Ao estabelecer esse registro pessoal, tentei cumprir o mandato que me foi dado pelas muitas companheiras prisioneiras em Auschwitz, que morreram tão horripelantemente. Este é meu testemunho por elas. Deus dê descanso às suas pobres almas! Nenhum inferno que possa ser concebido se iguala ao que elas suportaram. Sinceramente quero que meu trabalho signifique mais que isso. Quero que o mundo leia e decida que nunca, nunca se deve permitir que a desgraça volte a acontecer. Não quero acreditar que depois de ler este relato alguém ainda possa duvidar do que aconteceu. Enquanto escrevo as últimas palavras, rostos surgem à minha frente e, em silêncio, pedem que eu conte as histórias deles. Posso resistir aos homens e às mulheres, mas há os fantasmas dos bebês... os pequenos bonecos de neve... [...] Vi muitos internos se apegarem à sua dignidade até o fim. [...] Se, mesmo na selva de Birkenau, nem todos eram necessariamente desumanos

para com seus semelhantes, então existia esperança. É essa esperança que me mantém viva (LENGYEL, 2018, p. 229-233).

Olga foi testemunha no julgamento de Belsen, um dos vários julgamentos feitos pelas Forças Aliadas de ocupação da Alemanha no pós-guerra da Segunda Guerra Mundial, dos ex-militares e funcionários nazistas acusados de crimes de guerra, crimes contra a humanidade e outras atrocidades. Após o *Holocausto*, dedicou sua vida para manter viva a memória dos homens, mulheres e crianças que morreram em Auschwitz. Seu livro foi publicado dois anos depois de a Segunda Guerra Mundial terminar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fim da Segunda Guerra Mundial encerrou uma era. As cidades eram escombros. A sociedade alemã se sentia derrotada. Contudo, muitos nazistas prosseguiram com suas carreiras, mesmo com a troca do sistema político. Funcionários de repartições eram os mesmos, não foram substituídos. Cumpre salientar que a mentalidade das pessoas não muda de uma hora para outra, haja vista que os cidadãos sabiam que a Alemanha esteve envolvida em coisas terríveis, mas nos anos seguintes pouco se falou sobre o *Holocausto*, tampouco o papel do país e da sociedade alemã foram investigados nesses acontecimentos. Toda a responsabilidade foi passada para Hitler e seu regime totalitário. As poucas obras sobre o assunto não receberam a devida atenção. As obras literárias escritas após a Segunda Guerra testemunharam a memória entre a supressão e a conservação do que foi vivido. Essa memória é seletiva e lacunar. Os testemunhos são de vazios, silêncios, alívio das angústias, em narrativas catárticas que enfocam a dor, o sofrimento, as angústias e a culpa. Nesse tipo de obra, há um pacto entre quem escreve e quem lê, um gênero que abarca a verdade do que está sendo transmitido num primeiro plano: as memórias, os depoimentos narrados no presente, mas que remetem a uma experiência passada.

No nível da estrutura do relato, recuperam-se as individualidades, os seres humanos, os nomes, as histórias de vida e as famílias obscurecidas pelo ardiloso e abjeto sistema ditatorial. O efeito mimético se constitui nas escolhas formais utilizadas para traduzir fatos em literatura. Durante o regime nazista do Terceiro Reich foram mortas cerca de 7,5 milhões de pessoas em campos de concentração especialmente preparados para matar em escala industrial. Para os nazistas, aqueles que não possuíam sangue ariano não deveriam ser tratados como seres humanos, mas sim, exterminados. Para tanto, foram criados os guetos e os campos de concentração e extermínio, espaços nos quais os judeus eram confinados e compelidos a usar um distintivo com uma estrela amarela em suas roupas, que identificava sua religiosidade, bem como foram obrigados a trabalhar para o esforço de guerra alemão. Caso contrário, seriam mortos. A política do antissemitismo visou especialmente os judeus, mas não poupou ciganos, negros, homossexuais, comunistas e doentes mentais. Estima-se que 6 milhões de judeus tenham sido mortos durante o *Holocausto*, cerca de 60% da população judaica na Europa à época. Foram assassinados ainda em torno de 500 mil ciganos.

Para facilitar o transporte dos prisioneiros, os campos eram construídos nas proximidades das linhas ferroviárias. Os trens chegavam superlotados. Nos vagões, de janelas minúsculas, não havia comida, água e agasalhos, o que provocava a morte de muitos por frio,

fome ou sede durante o transporte. Separados de suas famílias, os que chegavam vivos eram selecionados de acordo com o estado de saúde, para trabalhos forçados ou extermínio. Durante as deportações, as mulheres grávidas e as mães com crianças de colo eram sistematicamente classificadas como “incapacitadas para o trabalho”, sendo prontamente enviadas para os centros de extermínio, onde os oficiais geralmente as incluíam nas primeiras fileiras de prisioneiros enviados para as câmaras de gás. Nos campos de concentração, as autoridades alemãs colocavam as mulheres para trabalhar sob condições degradantes, não raro elas morriam enquanto executavam suas tarefas. As judias e ciganas também serviram de cobaias, eram usadas pelos médicos e pesquisadores alemães em experimentos de esterilização e outras pesquisas denominadas como científicas. Nos campos, as mulheres eram particularmente vulneráveis a espancamentos e estupros. As judias grávidas tentavam esconder a gravidez para não serem forçadas a abortar. As mulheres deportadas da Polônia e da União Soviética para fazerem trabalhos forçados eram sistematicamente espancadas, estupradas ou forçadas a manter relações sexuais com alemães em troca de comida e outras necessidades básicas. Muitas vezes, as relações sexuais forçadas entre as trabalhadoras escravas e os homens alemães resultavam em gravidez, e se os médicos da SS determinassem que a criança prestes a nascer não possuía “genes arianos” suficientes, as mães eram obrigadas a abortar ou eram enviadas para darem à luz em maternidades improvisadas, onde as péssimas condições de higiene garantiriam a morte do recém-nascido. Outras eram expulsas para suas regiões de origem sem nenhuma comida, roupa ou cuidados médicos. Milhões de mulheres foram perseguidas e assassinadas durante o *Holocausto*. No entanto, para todos os efeitos, foi o enquadramento na hierarquia racista do nazismo, a postura religiosa ou política dessas mulheres que as tornaram alvos, e não o seu sexo. Nesse sentido, a construção da história das mulheres no formato de obra literária está ligada a uma questão de identidade, uma vez que passaram a se preocupar em serem inseridas na história após tantos anos de esquecimento.

Sabendo que a Literatura é também uma riquíssima fonte de conhecimento para o leitor, levando-o a fazer parte de um universo em que aspectos históricos e literários podem ser revisitados, em consonância com a representação do discurso testemunhal por meio da mimesis, pode-se considerar o testemunho como uma importante ferramenta de verificação de algum fato histórico. Ademais, contrariando a ideia dos alemães de não restar nenhuma prova do que tinha sido o *Holocausto*, quando entraram em Auschwitz, os soviéticos ainda encontraram vivos milhares de prisioneiros esqueléticos, ossos e cinzas humanas, além de pilhas de corpos que não haviam sido enterrados, tendo provas em abundância do extermínio

em massa efetuado ali. Para mais, embora os alemães em fuga tenham destruído a maioria dos depósitos Auschwitz, nos demais os soviéticos encontraram pertences das vítimas roubados pelos nazistas. Entre eles, centenas de milhares de ternos masculinos, cerca de 800 mil vestidos e mais de 7 mil quilos de cabelo.

Em retrospectiva, com o objetivo de esconder as torturas nazistas, Heinrich Himmler ordenou que todos os prisioneiros fossem evacuados, para evitar que as Forças Aliadas vissem o que acontecia sob o jugo nazistas, e para que os prisioneiros não pudessem contar o que acontecia naqueles campos a seus libertadores. Ou seja, o negacionismo partia de bases antisemitas e de entusiastas do regime nazista a partir do pressuposto de que o extermínio promovido pelos nazistas não aconteceu, o que houve foi, na verdade, uma transgressão grosseira ou brutal, um grande delírio devastador ou, ainda, uma patologia. O termo negacionismo, para se referir a grupos e indivíduos que negavam a existência das câmaras de gás e o extermínio em massa dos judeus durante o regime nazista, foi popularizado pelo historiador francês Henry Rousso. A ideia era desqualificar toda a história contada sobre a Segunda Guerra Mundial e seus desdobramentos, negar um evento histórico inquestionável.

Embora o conflito já houvesse terminado, na maior parte da Europa as comunidades judaicas já não existiam mais. Centenas de milhares de sobreviventes não tinham como retornar ao seu país de origem, nem mesmo às suas antigas residências. Aqueles que arriscaram, encontraram suas casas destruídas, saqueadas ou tomadas por vizinhos e outras pessoas, que se negaram a devolvê-las. Ou seja, esse retorno era, além de tudo, perigoso. As manifestações antisemitas continuaram, mesmo após o *Holocausto*. Os judeus sofreram vários *pogroms* (ataques de multidões) e acusações de que praticavam rituais satânicos. Em algumas manifestações, foram espancados e até mesmo linchados. Com isso, a maioria preferiu emigrar e, por algum tempo, ficaram instalados em antigos campos de concentração, sob os cuidados das Forças Militares Aliadas, até que recebessem novos documentos e vistos para os EUA, África do Sul, Brasil e Palestina. Sob péssimas condições, aqueles que foram deslocados em grandes grupos, em alguns casos, não foram aceitos em determinados países e tiveram de retornar para a Alemanha. A reinserção social levou anos para acontecer, para que os sobreviventes pudessem literalmente recomeçar do zero.

A *Literatura de Testemunho* envolve questões de gênero, de valor e de saberes que, mais uma vez, tensionam os limites entre estética e ética, verdade e ficção, realidade e representação. Como afirma Ginzburg (2011, p. 28), “estudar o testemunho significa assumir que aos excluídos cabe falar, e, além disso, definir seus próprios modos de fazê-lo”. O debate em torno do testemunho na Literatura requer cercar-se não só de estudos literários como os

Gelissen e Macadam (2015), Lengyel (2018), Seligmann (2003, 2013) e Ginzburg (2011), mas também de conhecimento de Filosofia, com as interpretações de Gagnebin (2006), de Direito, com as orientações de Agamben (2008), e de História, com as contribuições de Ricoeur (2014). A *Literatura de Testemunho* que relata o *Holocausto*, através de resgates memorialísticos de sobreviventes, sintoniza a realidade vivida por esses ex-prisioneiros dos campos de concentração nazistas com a história da humanidade, unindo passado e presente e elaborando perspectivas para o futuro.

Como sujeitos históricos e sociais que somos, lemos, falamos ou escrevemos sempre de um determinado lugar, de um determinado tempo, com determinadas concepções de mundo. Toda nossa leitura está impregnada de impressões muito pessoais. No caso dos testemunhos de sobreviventes de grandes catástrofes, o trauma, a dor, a vergonha, os sentimentos de abandono, de impotência e de culpa são subjetivos. Cada sobrevivente resgata e transcreve um momento histórico único, mas toda nossa leitura parte de uma cultura socializada que cria e guarda as palavras que também simbolizam um universo coletivo de referências pessoais. Cada obra literária classificada como narrativas pessoais parte do subjetivo de quem escreve para o subjetivo de quem lê. A partir daí, o negacionismo, da mesma forma que a acolhida, vai depender da proximidade de cada leitor com o tema em questão, já que a sociedade se encontra sempre num embate em relação às múltiplas leituras acerca do passado.



## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha.** (Homo Sacer III). São Paulo: Boitempo, 2008.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Almedina, 2011.
- BEEVOR, Antony. **A Segunda Guerra Mundial.** 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.
- BENJAMIN, Walter. Sobre alguns temas em Baudelaire. *In*: BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo.** 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004. v. III. (Coleção Obras Escolhidas).
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer.** São Paulo: Editora 34, 2006.
- GELISSEN, Rena Kornreich; MACADAM, Heather Dune. **Irmãs em Auschwitz.** São Paulo: Universo dos Livros, 2015.
- GILBERT, Martin. **A Segunda Guerra Mundial: os 2.174 dias que mudaram o mundo.** Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014.
- GINZBURG, Jaime. Linguagem e trauma na escrita do testemunho. *In*: SALGUEIRO, Wilberth (Org.). **O testemunho na literatura: representações de genocídios, ditaduras e outras violências.** Vitória: EDUFES, 2011. p. 19-29.
- HALBWACHS, Maurice. **Memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.
- HOBSBAWM, Eric J. **Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991).** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- KLÜGER, Ruth. **Paisagens da memória: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto.** São Paulo: Editora 34, 2005.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória.** 7. ed. rev. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.
- LENGYEL, Olga. **Os fornos de Hitler: a história de uma sobrevivente de Auschwitz.** São Paulo: Crítica, 2018.
- LEVI, Primo. **É isto um homem?** Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- LEVI, Primo. **Os afogados e os sobreviventes: os delitos, os castigos, as penas, as impunidades.** 3. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2016.
- MACADAM, Heather Dune. **As 999 primeiras mulheres de Auschwitz: a extraordinária história das primeiras prisioneiras do campo de concentração.** São Paulo: Universo dos Livros, 2020.

MARÇAL, Marcia Romero. O testemunho literário e *La escritura o la vida* na literatura: a história da precariedade da forma. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 49, n. 4, p. 461-470, out./dez. 2014. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/17175/12393>. Acesso em: 13 set. 2021.

NASCIMENTO, Lyslei. Memórias e testemunhos: a Shoah e o dever da memória. **Ipotesi – Revista de estudos literários**, Juiz de Fora, MG, v. 11, n. 2, p. 90-103, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ipotesi/article/view/19347>. Acesso em: 18 jun. 2021.

OLMI, Alba. Memória do Holocausto: uma categoria literária do testemunho. **Signo**, Santa Cruz do Sul, RS, v. 40, n. 68, p. 42-54, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/6163>. Acesso em: 13 set. 2021.

REES, Laurence. **O Holocausto: uma nova história**. São Paulo: Vestígio, 2018.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

ROSSIGNOLI, Leticia. Vítimas judias e o Holocausto: um trabalho da memória. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 9, 2013, Ouro Preto, MG. **Anais [...]**. Ouro Preto, MG: ALCAR/ UFOP, 2013. p. 1-15. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historiografia-da-midia/vitimas-judias-e-o-holocausto-um-trabalho-da-memoria>. Acesso em: 13 set. 2021.

SCHWARCZ, Luiz. **O ar que me falta: história de uma curta infância e de uma longa depressão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

SELIGMANN, Márcio. **História, Memória, Literatura: o testemunho na Era das Catástrofes**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

SELIGMANN, Márcio. Direito Pós-fáustico: por um novo tribunal como espaço de rememoração e elaboração de traumas sociais. *In*: SILVA FILHO, José Carlos Moreira da; ABRÃO, Paulo; TORELLY, Marcelo D. (Coords.). **Justiça de Transição nas Américas: olhares interdisciplinares, fundamentos e padrões de efetivação**. Belo Horizonte: Fórum, 2013. p. 47-60.

VALLE, Eduardo Garcia. História, Memória e Literatura de Testemunho: uma análise do Holocausto na obra de Primo Levi. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26, 2011, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: ANPUH, 2011. p. 1-13. Disponível em: <http://docplayer.com.br/16503881-Historia-memoria-e-literatura-de-testemunho-uma-analise-do-holocausto-na-obra-de-primo-levi.html>. Acesso em: 13 set. 2021.

WIND, Eddy de. **Última Parada: Auschwitz: meu diário de sobrevivência**. São Paulo: Planeta, 2019.

## CRÉDITOS DAS IMAGENS

### **1 Mapa do Holocausto na Europa entre 1939 e 1945**

Autor: Sémhur, 31 de dezembro de 2019

Reprodução Wikipédia.

Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:WW2\\_Holocaust\\_Europe\\_map-pt.svg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:WW2_Holocaust_Europe_map-pt.svg).  
Acesso em: 15 maio 2021.

### **2 Principais campos nazistas na Grande Alemanha, 1944**

Reprodução *United States Holocaust Memorial Museum*.

Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/map/major-nazi-camps-in-greater-germany-1944>. Acesso em: 15 maio 2021.

### **3 Prisioneiras entrando no campo feminino, já com uniformes de prisioneiras sob os olhares dos guardas da SS**

*Yad Vashem*. Reprodução El País.

Disponível em:

[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/25/album/1485359848\\_410460.html#foto\\_gal\\_10](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/25/album/1485359848_410460.html#foto_gal_10).  
Acesso em: 15 maio 2021.

### **4 Militares norte-americanos observando a pilha de corpos amontoados em um vagão no campo de concentração de Buchenwald**

*United States Holocaust Memorial Museum*, cortesia de Lowell Thomas.

Reprodução Enciclopédia do Holocausto.

Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/gallery/liberation-of-nazi-camps-photographs>. Acesso em: 15 maio 2021.

### **5 Rena e Danka**

Reprodução Estante Diagonal.

Disponível em: <https://www.estantediagonal.com.br/2016/05/resenha-irmas-em-auschwitz.html>. Acesso em: 15 maio 2021.

### **6 Olga Lengyel**

Reprodução Planeta de Livros

Disponível em: <https://www.planetadelivros.com.br/autor/olga-lengyel/000039456>.  
Acesso em: 15 maio 2021.

## **7 Prisioneiras do campo feminino**

Reprodução *Made for minds*.

Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/1945-liberta%C3%A7%C3%A3o-do-campo-de-concentra%C3%A7%C3%A3o-auschwitz-birkenau/a-1465691>. Acesso em: 06 ago. 2021.